



PLANO BÁSICO AMBIENTAL PORTO SUL

ELABORAÇÃO DO PLANO BÁSICO AMBIENTAL DO
PORTO SUL E DOS ESTUDOS COMPLEMENTARES
NECESSÁRIOS À SOLICITAÇÃO DA SUA LICENÇA
DE IMPLANTAÇÃO

PROGRAMA DE RESGATE E AFUGENTAMENTO DA FAUNA
DO PORTO SUL - ILHÉUS, BAHIA

PORTO SUL - BAMIN
PROGRAMA BÁSICO AMBIENTAL - PBA
PROGRAMA DE RESGATE E AFUGENTAMENTO DA
FAUNA DO PORTO SUL - ILHÉUS, BAHIA

Abril de 2014

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1. INTRODUÇÃO	5
1.1. CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO	6
1.2. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA	8
1.3. JUSTIFICATIVA	10
2. OBJETIVOS	11
2.1. OBJETIVO GERAL	11
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3. METODOLOGIA	12
3.1. RESGATE PRÉ-SUPRESSÃO	13
3.1.1. <u>Armadilhas de Interceptação e Queda (Pitfall traps)</u>	15
3.1.2. <u>Armadilhas Live trap (modelos Sherman e Tomahawk)</u>	18
3.1.3. <u>Procura Visual Ativa (PVA)</u>	19
3.2. ACOMPANHAMENTO DO RESGATE DE FLORA	20
3.3. RESGATE DURANTE A SUPRESSÃO	20
3.4. AFUGENTAMENTO DA FAUNA	20
3.5. PROCEDIMENTOS DE MANEJO	21
3.5.1. <u>Invertebrados</u>	22
3.5.2. <u>Anfíbios</u>	25
3.5.3. <u>Répteis</u>	26
3.5.4. <u>Aves</u>	28
3.5.5. <u>Mamíferos</u>	30
3.6. MARCAÇÃO DOS INDIVÍDUOS	34
3.7. TRANSPORTE	38
3.8. PROCEDIMENTOS MÉDICO-VETERINÁRIO	39
3.9. DESTINAÇÃO	40
3.9.1. <u>Áreas de soltura</u>	40
3.9.2. <u>Coleções zoológicas</u>	40
3.10. CENTRO DE TRIAGEM E REABILITAÇÃO DOS ANIMAIS SILVESTRES (CETRAS)	41
3.11. TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO DA EQUIPE	44
3.12. CONVÊNIO COM INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E ENSINO SUPERIOR	45

4. LEGISLAÇÃO APLICÁVEL	45
5. CRONOGRAMA FÍSICO	46
6. MEDIDAS MITIGADORAS RELACIONADAS.....	48
7. INTERRELAÇÃO COM OUTROS PROGRAMAS.....	48
8. EQUIPE TÉCNICA	48
9. RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO PROGRAMA.....	49
10. RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DO PROGRAMA	49
11. REFERÊNCIAS	50

ANEXOS

- Anexo 1 – Lista de espécies confirmadas e de potencial ocorrência da ADA do empreendimento Porto Sul
- Anexo 2 – Lista de material que será utilizado durante a execução do PRAFT
- Anexo 3 – Plantas do CETAS, Alojamento e Recintos Externos
- Anexo 4 – Cartas de intenção
- Anexo 5 – Cadastro Técnico Federal - CTF IBAMA

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 -	Localização do Porto Sul.....	7
Figura 1.2 -	Empreendimento Objeto de Licença de Implantação	8
Figura 3.1 -	Modelo representativo da armadilha Pitfall trap.....	15
Figura 3.2 -	Modelos de arranjos de grids de armadilhas Pitfall trap: A) arranjo circular utilizado ao redor de corpos d'água; B) arranjo em linha reta; e C) arranjo em formato de Y.....	16
Figura 3.3 -	Exemplo de parcela de 10.000m2 com os grids de armadilhas Pitfall trap que serão utilizadas durante a execução do PRAFT	17
Figura 3.4 -	Representação dos lotes constituídos de girau organizados entre os grids de Pitfall trap	17
Figura 3.5 -	Modelo de girau, onde será colocado a serapilheira e a vegetação herbácea após a PVA	18
Figura 3.6 -	Equipe de técnicos do Programa de Resgate executando a PVA noturna.....	19
Figura 3.7 -	Tenda de apoio com cadeira e mesa para procedimentos técnicos será montada nos lotes durante a execução do PRAFT.....	21
Figura 3.8 -	Modelo de pinças anatômicas utilizadas na captura de invertebrados terrestres..	22
Figura 3.9 -	Modelo de potes plásticos utilizados para acondicionamento temporário de algumas espécies de invertebrados, anfíbios e répteis	23
Figura 3.10 -	Deslocamento de enxame de abelha italiana e modelo de caixa abrigo utilizadas para remoção de enxames de abelhas	24
Figura 3.11 -	Modelos de caixas tipo sanremo para acondicionamento de anfíbios de grande porte e répteis de médio porte.....	25
Figura 3.12 -	Modelo de pinção herpetológico para contenção de serpentes	26
Figura 3.13 -	Modelo de gancho herpetológico para contenção de serpentes	27

Figura 3.14 -	Modelo de caixas tipo Butantã para acondicionamento de serpentes peçonhentas.....	27
Figura 3.15 -	Modelos de laço com cambão utilizado na captura de jacarés	28
Figura 3.16 -	Modelos de puçá ornitológico utilizado na captura de aves	29
Figura 3.17 -	Modelos de gaiolas para acondicionamento de aves de pequeno e médio porte	29
Figura 3.18 -	Modelo de puçá mastozoológico para captura de mamíferos de médio e grande porte.....	31
Figura 3.19 -	Modelos de caixas de madeira para acondicionamento temporário e transporte de alguns mamíferos de médio a grande porte.....	31
Figura 3.20 -	Exemplar de <i>Euphractus sexcinctus</i> sendo liberado e modelo da caixa de transporte para mamíferos de médio a grande porte	32
Figura 3.21 -	Modelos de caixas de transporte para mamíferos de médio porte.....	32
Figura 3.22 -	Modelos de caixas tipo biotério para acondicionamento de mamíferos de pequeno porte	33
Figura 3.23 -	Kit de Bioelastômero utilizado na marcação de anfíbios e répteis de pequeno porte.....	34
Figura 3.24 -	Marcação em anfíbio com bioelastômero em luz ambiente	34
Figura 3.25 -	<i>Leptotilla rafxilla</i> (Juriti-gemeadeira) marcada com anilhas colorida e numerada CEMAVE	35
Figura 3.26 -	Modelo de microchip de aplicação subcutânea utilizado na marcação de répteis de médio a grande porte e de mamíferos de médio a grande porte	36
Figura 3.27 -	Aplicação de microchip em exemplar de <i>Tamandua tetradactyla</i>	36
Figura 3.28 -	Modelo de brinco de inox para marcação de pequenos mamíferos.....	37
Figura 3.29 -	Anilha alfa-numérica usada como marcação sendo colocada em exemplar de <i>Carollia perspicillata</i>	37
Figura 3.30 -	Modelo de carreta que será utilizada durante a execução do PRAFT dentro da área de supressão.....	38
Figura 3.31 -	Modelo de quadriciclo 4x4 Honda que será utilizado durante a execução do PRAFT dentro da área de supressão	38
Figura 3.32 -	Perspectiva do CETRAS e Alojamento.....	42
Figura 3.33 -	Perspectiva dos recintos tipo 1	43
Figura 3.34 -	Perspectiva dos recintos tipo 2.....	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 -	Metas do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Porto Sul	12
Quadro 3.2 -	Quadro representativo do plano de supressão	14
Quadro 4.1 -	Legislação Federal Aplicável ao Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna	45
Quadro 5.1 -	Cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul – Áreas Prioritárias.....	46
Quadro 5.2 -	Cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul – Áreas não Prioritárias.....	47
Quadro 8.1 -	Perfil da Equipe Técnica Responsável pelo Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna	49

APRESENTAÇÃO

Os Programas que constituem o Plano Básico Ambiental – PBA do Porto Sul são apresentados em conformidade com a Licença Prévia Ibama nº. 447/2012. São abordados, no âmbito do PBA, 38 Programas listados a seguir:

- 1 Programa Ambiental para a Construção
- 2 Programa Compensatório de Plantio
- 3 Programa de Adequação da Infraestrutura das Comunidades do Entorno do Empreendimento
- 4 Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre**
- 5 Programa de Apoio à Contratação e Mão de Obra Local
- 6 Programa de Apoio ao Empreendedorismo
- 7 Programa de Auditoria Ambiental
- 8 Programa de Capacitação da Mão de Obra Local
- 9 Programa de Compensação Ambiental
- 10 Programa de Compensação da Atividade Pesqueira
- 11 Programa de Comunicação e Interação Social
- 12 Programa de Controle de Erosão e Assoreamento
- 13 Programa de Educação Ambiental
- 14 Programa de Emergência Individual (PEI)
- 15 Programa de Gerenciamento de Efluentes
- 16 Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS)
- 17 Programa de Gerenciamento de Riscos (PGR)
- 18 Programa de Gestão Ambiental (PGA)
- 19 Programa de Gestão e Monitoramento da Linha de Costa
- 20 Programa de Implantação dos Sistemas Locais de Habitação e Planos Locais de Habitação
- 21 Programa de Mitigação das Interferências no Sistema Viário
- 22 Programa de Monitoramento da Atividade Pesqueira
- 23 Programa de Monitoramento da Batimetria
- 24 Programa de Monitoramento da Biota Aquática
- 25 Programa de Monitoramento da Fauna Terrestre
- 26 Programa de Monitoramento da Qualidade do Ar
- 27 Programa de Monitoramento das Águas e Sedimentos
- 28 Programa de Monitoramento de Flora
- 29 Programa de Monitoramento de Ruídos e Vibrações
- 30 Programa de Prevenção à Exploração Sexual
- 31 Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial
- 32 Programa de Reassentamento e Desapropriação
- 33 Programa de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD)
- 34 Programa de Reorientação da Atividade Turística no Litoral Norte
- 35 Programa de Reposição da Vegetação de Nascentes, Matas Ciliares e Manguezais
- 36 Programa de Resgate de Flora
- 37 Programa de Valorização da Cultura
- 38 Programa de Verificação e Gerenciamento da Água de Lastro dos Navios

1. INTRODUÇÃO

Este documento propõe um Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre (PRAFT), da Área Diretamente Afetada (ADA) para instalação da primeira etapa do Porto Sul, situado na localidade Aritaguá, município de Ilhéus, Bahia.

O presente projeto atende um dos condicionantes legais de licenciamento para a implantação do empreendimento, onde ocorrerá supressão de vegetação, e conseqüente impacto direto para a fauna e flora local e esta de acordo com a Instrução Normativa N° 146/2007 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Esta Instrução Normativa estabelece os critérios e padroniza os procedimentos relativos a fauna no âmbito do Licenciamento Ambiental de empreendimentos, como Salvamento, Resgate e Afugentamento da Fauna.

O resgate e afugentamento da fauna terrestre é considerado uma importante ferramenta mitigadora dos impactos provocados à fauna silvestre decorrentes da supressão de qualquer vegetação nativa de áreas onde se programe uma alteração de origem antrópica, seja por um empreendimento de pequeno ou grande porte.

A importância da execução deste plano de resgate pode ser mensurada de diversas formas, tais como: afugentar o máximo de espécies de deslocamento rápido e evitar que estas retornem; resgatar os espécimes da fauna silvestre antecedendo e durante a supressão da vegetação; reintroduzir, tão logo quando triado e avaliado sua integridade, os espécimes que gozem de total saúde, em áreas protegidas e similares a que foram resgatados; recuperar animais que tenham sua integridade afetada durante a supressão; enviar espécimes animais para instituições que se enquadrem como criadouros conservacionistas que estejam interessadas na formação de plantéis reprodutores; conhecimento científico da fauna local e regional; constituição de coleção científica para instituições de pesquisa; formação de um novo corpo técnico especializado em resgates de fauna; e formação de multiplicadores de consciência ambiental através de trabalhos.

Na última década, muito se tem discutido sobre os reais impactos das ações dos Programas de Resgate e Afugentamento da Fauna. Rodrigues (2006) afirma que tais procedimentos de translocação da fauna se tratam de uma falácia, desestabilizando ecologicamente ainda mais as áreas adjacentes ao empreendimento e as áreas de soltura. Utilizando a teoria da ecologia comportamental, Rodrigues (2006) afirma que a territorialidade de algumas espécies animais, que se dá pela competição de recursos, como alimentos, abrigos e parceiros reprodutivos, não é levada em conta. Quando, uma área que está em equilíbrio recebe novos indivíduos, muitas vezes resulta em uma superpopulação da espécie e até que essas populações encontrem o equilíbrio novamente, muitos indivíduos irão a óbito por disputas territoriais e falta de recursos. É citado, ainda que a territorialidade não é o único aspecto que pode provar a ineficiência dos resgates de fauna, assim como a disseminação de doenças e a descaracterização do perfil genético da população residente. Rodrigues (2006) sugere, que para evitar a desestabilização de novas áreas além da área de instalação do empreendimento, o alto número de injúrias e mortes devido às lutas territoriais e menor aptidão para todos os indivíduos da população, que todos os animais capturados em Programas de Resgate e Afugentamento da Fauna devem ser coletados e depositados em coleções zoológicas de Instituições de Pesquisa.

Considerando os dois pontos de vista muito importantes, é preciso chegar a um consenso. Em um empreendimento desse porte, estima-se um número bastante elevado de animais capturados,

principalmente da herpetofauna, número esse que realmente impactaria as áreas adjacentes e áreas de soltura causando desequilíbrios das populações da fauna da região, porém com estudo de avaliação das populações das áreas adjacentes e de soltura e monitoramento das mesmas pode-se tentar chegar a uma porcentagem de indivíduos de cada espécie que pode ser solta sem causar superpopulações (excluindo-se as espécies ameaçadas). Aumentar o número de áreas de soltura também pode ser uma alternativa. Com base nisso, durante o Programa de Resgate e Afugentamento da fauna, uma porcentagem dos animais capturados será destinada à coleções zoológicas de Instituições de pesquisa.

Todos os espécimes de vertebrados (anfíbios, lagartos, aves e mamíferos) que forem soltos serão marcados para servirem como ferramenta de monitoramento para avaliação do impacto durante a instalação e posteriormente nas áreas escolhidas para soltura. O que permitirá um acompanhamento real da adaptação das populações de espécies da fauna que foram relocadas para áreas de soltura.

Entre os anos de 2008 e 2011, foram efetuadas atividades de levantamento e diagnóstico da fauna vertebrada na Área Diretamente Afetada (ADA), na Área de Influência Direta (AID) e na Área Indiretamente Afetada (AII) pelo empreendimento, estes dados foram incluídos no EIA (Estudo prévio de Impacto Ambiental) do empreendimento Porto Sul. Os dados do EIA permitiram que se traçassem estratégias específicas para essas ações ambientais de acordo com as características da fauna local e subsidiaram planos ambientais, dentre outros, o Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre (PRAFT).

Sendo assim, o presente programa apresenta objetivos, metodologias com os procedimentos específicos para cada grupo, equipe, estrutura e equipamentos a serem adotados para o resgate e afugentamento da fauna da ADA do empreendimento Porto Sul.

1.1. CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

O Porto Sul é um empreendimento concebido no Planejamento Estratégico do Estado da Bahia e corresponde ao Porto ligado à Ferrovia de Integração Oeste-Leste no Oceano Atlântico. Esta Ferrovia articula este porto marítimo com as regiões produtivas do oeste da Bahia e o Brasil Central. Seus objetivos estruturantes são:

- Reverter o processo de concentração da economia estadual na RMS;
- Reinsere o Estado no mercado nacional e global;
- Rearticular o Estado com seu próprio território;
- Reverter a atual dinâmica de decadência econômica vivida pela região a partir da crise do cacau.

O empreendimento se localiza na Costa Leste do Brasil, no litoral norte do município de Ilhéus-BA, entre as localidades de Aritaguá e Sambaituba, nas proximidades com o rio Almada. A **Figura 1.1** mostra a localização do empreendimento.

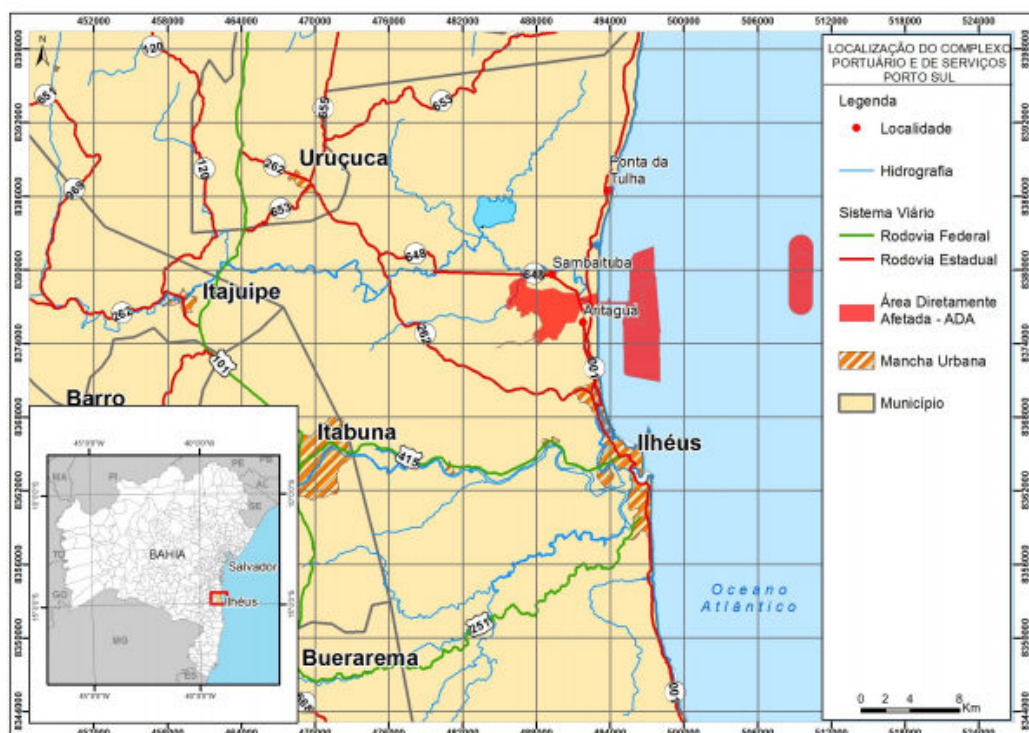


Figura 1.1 - Localização do Porto Sul

Diversos estudos foram realizados durante o processo de obtenção de Licença Prévia. Todos estes estudos foram realizados ponderando de forma integrada as repercussões da implantação e operação do Porto Sul, que inclui um Porto Público e o Terminal Privado da Bahia Mineração. Este processo culminou com a emissão da Licença Prévia nº. 447/12 por parte do IBAMA, em 14 de novembro de 2012.

Nesta nova etapa do processo do licenciamento (Licença de Implantação) estão sendo consideradas as seguintes estruturas para funcionamento geral do Porto e do Terminal Privado da BAMIN:

- acessos rodoviários e ferroviários ao porto, áreas comuns ao Porto Público e a BAMIN;
- parte dos acessos rodoviários e ferroviários internos ao Porto Público;
- seções da ponte marítima para atendimento ao terminal da BAMIN e do Porto Público;
- parte do quebra-mar para atendimento ao terminal da BAMIN e do Porto Público;
- berço para embarque de minério e dois berços para graneis associados ao Porto Público;
- berço para embarque do minério da BAMIN;
- dragagem associada ao canal de acesso e ao lado norte do quebra-mar;
- corredor central de serviços;
- estacionamento de caminhões;
- aduana;
- estações de tratamento de água e efluentes líquidos e central de resíduos;
- pedreira;
- píer provisório;
- canteiros de obras; e
- estruturas portuárias e *offshore* do terminal da BAMIN.

A **Figura 1.2** mostra em verde a área objeto da Licença de Implantação.

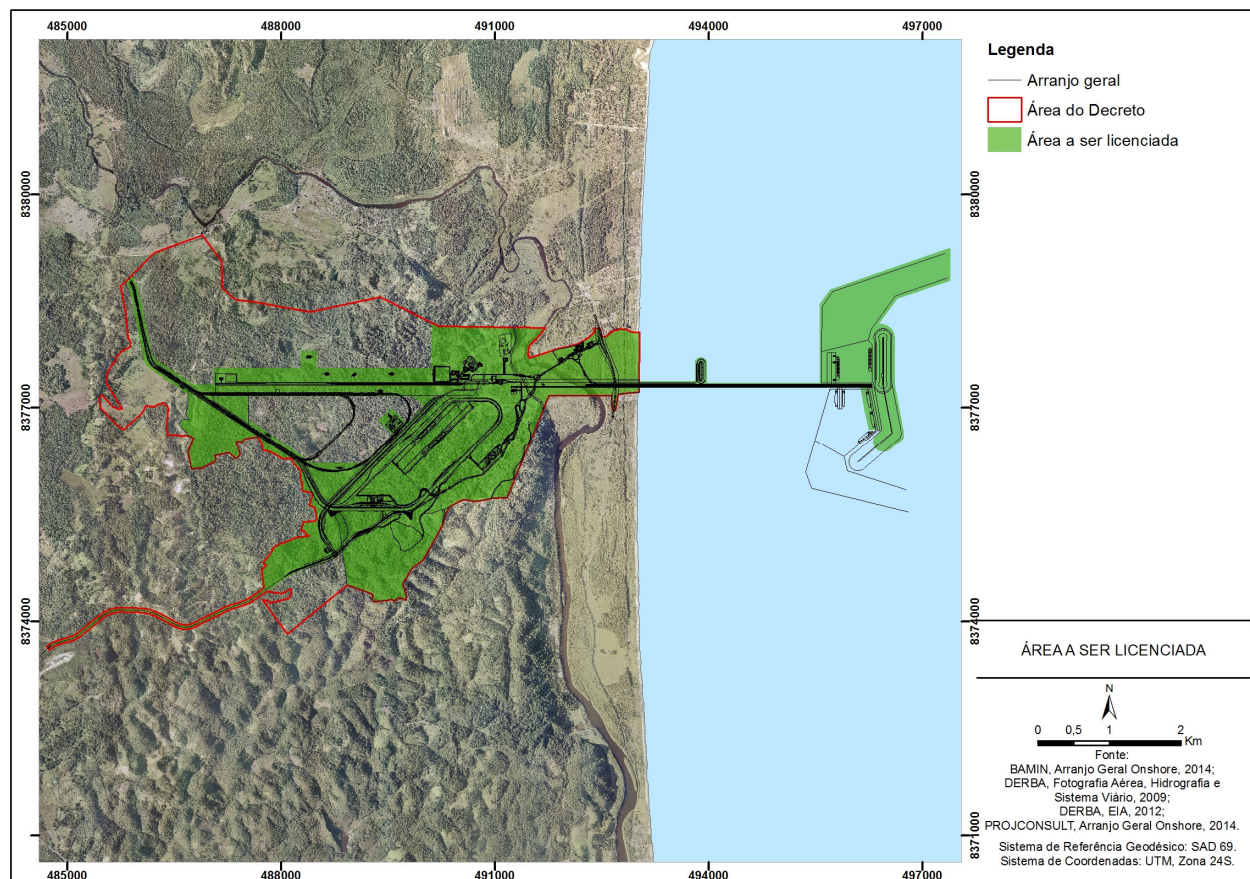


Figura 1.2 - Empreendimento Objeto de Licença de Implantação

Estas estruturas estão detalhadas no Volume 1 deste documento, que apresenta o projeto ora em Licenciamento de Implantação.

Todas as demais estruturas, associadas à operação das cargas a serem movimentadas pelo Porto Público, consideradas no processo das Licença Prévia, deverão ser objeto de licenciamento específico.

1.2. DESCRIÇÃO DO PROGRAMA

O Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre (PRAFT) da Área Diretamente Afetada (ADA) foi elaborado para instalação da primeira etapa do Porto Sul, situado na localidade Aritaguá, município de Ilhéus, Bahia, em acordo com a Legislação Ambiental.

O PRAFT visa essencialmente afugentar o máximo de espécies de deslocamento rápido e evitar que estas retornem a ADA; resgatar os espécimes da fauna silvestre de deslocamento lento ou debilitadas antecedendo a supressão da vegetação e durante a mesma; reintroduzir, tão logo quando triado e avaliado sua integridade, os espécimes que gozem de total saúde, em áreas

protegidas e similares a que foram resgatados; recuperar animais que tenham sua integridade afetada durante a supressão; conhecimento científico da fauna local e regional; constituição de coleção científica para instituições de pesquisa; formação de um novo corpo técnico especializado em resgates de fauna; e formação de multiplicadores de consciência ambiental através de trabalhos.

A metodologia e estratégias de campo elaboradas neste Programa foram baseadas nos dados obtidos durante as atividades de levantamento e diagnóstico da fauna vertebrada na ADA, AID e All pelo empreendimento, que estão incluídos no EIA do Porto Sul.

O presente Programa se dará em duas etapas:

- Resgate antecedendo a supressão da vegetação (Pré-supressão) – nesta etapa a ADA será dividida em parcelas com a média de 10.000m², de acordo com o plano de supressão e a melhor direção de afugentamento da fauna. Dentro das parcelas serão instalados grids de armadilhas Pitfall traps e PVA para captura, principalmente, de animais de deslocamento lento.
- Resgate durante a supressão de vegetação – nesta etapa haverá o acompanhamento da supressão arbórea realizada por tratores de esteira, retro-escavadeiras e motoserras, para salvamento da fauna que ainda não tenha sido resgatada durante a primeira etapa. Nesta etapa predomina os animais fossoriais ou semi-fossoriais, como algumas serpentes, lagartos, amphisbenias e cecilias e também animais que vivem no dossel e dentro de bromélias que ainda não tenham sido resgatadas, como anfíbios, lagartos e até pequenos roedores.

Concomitante com essas duas etapas haverá o afugentamento da fauna de médio a grande porte e que possuem deslocamento rápido (répteis de grande porte, mamíferos de médio a grande porte, aves e quirópteros), que procurará ambientes próximos menos perturbados. Ao mesmo tempo, também, haverá o acompanhamento constante do resgate de flora, pois muitas espécies vivem no interior de bromélias e outras plantas.

Após captura, todos os espécimes passaram por uma avaliação médica para avaliar seu estado de saúde e por uma triagem, onde serão pesados, mensurados, identificados, marcados e caso não necessitem de nenhum tratamento médico-veterinário serão encaminhados para soltura imediatamente. Os espécimes que não estiverem aptos a soltura imediatamente passaram por devido tratamento no CETRAS e somente serão soltos quando estiverem aptos a vida livre. O manejo e marcação foram elaborados de acordo com a morfologia e biologia de cada grupo taxonômico.

A soltura dos animais capturados durante os trabalhos de resgate será realizada na área de Reserva Legal do empreendimento Porto Sul, a Ponta do Tulha. A Ponta do Tulha, também faz parte do Corredor Central da Mata Atlântica e da APA lagoa Encantada e rio Almada. Sua vegetação e fauna são bastante semelhantes às de Aritaguá, porém se encontram em melhor estado de conservação.

Durante a execução do PRAFT, será avaliado se as áreas de soltura poderão sofrer desequilíbrio das populações devido ao superpovoamento das diferentes espécies. Estabelecemos que no máximo 30% dos indivíduos de cada espécie podem ser destinados à coleções zoológicas de

Instituições de Pesquisa previamente autorizadas pelo IBAMA. Nesses 30% estão incluídos aqueles animais que virão a óbito naturalmente ou acidentalmente durante a execução do PRAFT.

As espécies que se encontram no Livro Vermelho das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção do Ministério do Meio Ambiente (2008), somente serão destinados à coleções zoológicas caso o indivíduo venha a óbito de maneira natural ou acidental. Indivíduos com esse status receberão atenção especial da equipe de resgate priorizando a integridade dos mesmos.

Durante a execução do PRAFT contaremos com um CETRAS (Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres) e um alojamento para a equipe técnica. O *lay-out* da edificação terá com finalidade oferecer a estrutura necessária para a execução do Programa.

A equipe técnica contará com profissionais com nível superior experientes na função que irão exercer (nível 1) e legalmente responsáveis pelas suas obrigações. Esta equipe será formada por nove profissionais, sendo estes dois coordenadores, seis biólogos com qualificação específica para cada grupo de fauna (abelhas, anfíbios, répteis, aves, primatas e outros mamíferos) e um veterinário. Outra equipe de pelo menos doze técnicos (biólogos e/ou veterinários) com menos experiência (nível 2) e pelo menos oito estagiários de ensino superior (do curso de medicina veterinária e ciências biológicas) (nível 3). O programa ainda contará com o apoio de pelo menos 40 auxiliares de campo, para fornecer suporte na instalação das armadilhas e outros procedimentos de resgate que serão selecionados nas comunidades do entorno do empreendimento.

Toda a equipe passará por treinamento com informações sobre o empreendimento, metodologia, manejo de animais e palestras de educação ambiental.

1.3. JUSTIFICATIVA

O Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Terrestre do Porto Sul atende um dos condicionantes legais de licenciamento para a implantação do empreendimento, onde ocorrerá supressão de vegetação, e conseqüente impacto direto para a fauna e flora local e esta de acordo com a Instrução Normativa N° 146/2007 do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

O resgate e afugentamento da fauna terrestre é considerado uma importante ferramenta mitigadora dos impactos provocados à fauna silvestre decorrentes da supressão de qualquer vegetação nativa de áreas onde se programe uma alteração de origem antrópica, como a instalação do Porto Sul.

A importância da execução deste plano de resgate pode ser mensurada de diversas formas, tais como:

- Afugentar o máximo de espécies de deslocamento rápido e evitar que estas retornem e resgatar os espécimes da fauna silvestre antecedendo e durante a supressão da vegetação evitando assim a mortandade de espécimes da fauna;
- Reintroduzir, tão logo quando triado e avaliado sua integridade, os espécimes que gozem de total saúde, em áreas protegidas e similares a que foram resgatados favorecendo assim a conservação da fauna local e regional;
- Minimizar os impactos causados a fauna da ADA do Porto Sul.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo principal deste programa é apresentar ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), as estratégias que serão adotadas nas atividades de resgate e afugentamento da fauna terrestre antes e durante a supressão da vegetação da ADA do empreendimento Porto Sul, localizado em Aritaguá, município de Ilhéus.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Solicitar ao IBAMA a licença de resgate da fauna por meio de captura, transporte, manutenção temporária, marcação e soltura das espécies da fauna silvestre, bem como coleta de endo e ectoparasitas dos espécimes;
- Afugentar os animais que não são passíveis de captura, ou seja, aqueles que possuem deslocamento rápido, como répteis de médio porte, mamíferos de médio porte, mamíferos voadores e aves;
- Resgatar todos os animais silvestres passíveis de captura encontrados nas áreas de supressão da vegetação, preservando a integridade dos mesmos, e reintegrá-los em áreas pré-definidas;
- Avaliar a saúde e integridade de cada espécime, para que estes sejam reintroduzidos ao ambiente similar ao que foi capturado;
- Identificar e proteger ninhos de aves ativos, ou seja, que possuam ovos ou ninhegos, e proteger o local até que os filhotes estejam independentes;
- Identificar ninhos inativos de aves e inutilizá-los, para que estes não sejam ocupados e utilizados durante o processo de supressão da vegetação;
- Identificar áreas similares ao ambiente de origem dos animais, com condições para reintrodução destes;
- Realizar no prazo de 24 horas a reintrodução dos espécimes resgatados com condições de soltura, observando a similaridade com o ambiente em que foi coletada, o horário de atividade do espécime e a possibilidade de superpovoamento e competição intra e interespecífica;
- Caso seja observado superpovoamento e competição intra e interespecífica nas áreas destinadas à soltura, uma porcentagem dos espécimes capturados poderá ser depositada em coleções científicas previamente credenciadas junto ao IBAMA, previamente oficiadas sobre esta possibilidade (essa porcentagem não deverá exceder 30% do total de indivíduos de cada espécie e não inclui espécies ameaçadas);
- Realizar tratamento veterinário, quando necessário, nos espécimes da fauna, no Centro de Triagem e Reabilitação dos Animais Silvestres (CETRAS), resgatados durante a instalação do empreendimento;
- Realizar a quarentena dos animais que necessitem, em recinto previamente isolado e adequado a esta função;
- Destinar os animais que não possam ser libertados a instituições previamente autorizadas pelo IBAMA, para a formação de plantéis reprodutivos em programas integrados de conservação;

- Destinar os espécimes que sofrerem óbito a instituições científicas credenciadas junto ao IBAMA, previamente oficiadas sobre esta possibilidade;
- Identificar cada espécime por gênero, espécie, nome vulgar, sexo, idade estimada, coordenada do setor o qual foi capturado e/ou observado durante os trabalhos;
- Formar recursos humanos através da integração do programa às instituições de pesquisa locais ou conveniadas;
- Capacitar a equipe (profissionais nível dois, estagiários e auxiliares) que carece de experiência na tarefa de resgate e afugentamento de fauna, bem como outros assuntos de educação ambiental e sanitária;
- Implementar o Procedimento de Trabalho Seguro aos procedimentos tarefa de resgate e afugentamento;
- Produzir mensalmente um relatório circunstanciado das atividades e resultados e um relatório final ao término do PRAFT.

3. METODOLOGIA

O Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do empreendimento Porto Sul se dará em duas etapas: Resgate Pré-supressão e Resgate durante a Supressão. Juntamente com as duas etapas será realizado o afugentamento da fauna (a lista de todo material que será utilizado no PRAFT está no **Anexo 2**). O **Quadro 3.1a** seguir apresenta as metas do PRAFT.

Quadro 3.1 - Metas do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Porto Sul

Período	Metas do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Porto Sul
Antes do início da execução do PRAFT	Apresentar ao IBAMA e ao MMA as estratégias que serão adotadas durante a execução do PRAFT
	Solicitar ao IBAMA a licença de resgate da fauna por meio de captura, transporte, manutenção temporária, marcação e soltura
	Capacitar a equipe (profissionais nível dois, estagiários e ajudantes) que carece de experiência na tarefa de resgate e afugentamento de fauna, bem como outros assuntos de educação ambiental e sanitária
	Construção do CETRAS de acordo com a descrição feita no PRAFT
Durante a execução do PRAFT	Afugentar animais que não são passíveis de captura, ou que a mesma seja desnecessária
	Resgatar todos os animais silvestres passíveis de captura encontrados na ADA
	Preservar a integridade de todos os animais silvestres residentes na ADA, sejam eles afugentados ou resgatados
	Avaliar a saúde de todos os animais capturados para que sejam reintroduzidos ao ambiente similar ao qual foi capturado
	Identificar e proteger ninhos de aves ativos até desocupação completa dos mesmos
	Identificar e inutilizar ninhos de aves inativos para evitar nova ocupação
	Identificar áreas similares ao ambiente de origem dos animais, com condições para reintrodução
	Realizar no prazo de 24 horas a reintrodução dos espécimes resgatados que estejam aptos, observando sua biologia e horário de maior atividade

Período	Metas do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Porto Sul
	Observar e analisar juntamente com a equipe de monitoramento da fauna se há superpovoamento e competição intra e interespecífica
	Caso haja superpovoamento, uma porcentagem, não excedente a 30%, será destinada a coleções científicas previamente autorizadas
	Destinar espécimes em óbito para instituições científicas previamente credenciadas junto ao IBAMA
	Realizar tratamento veterinária em animais que necessitem no CETRAS
	Realizar quarentena dos animais que necessitem, em recinto previamente isolado e adequado até que os mesmos estejam aptos a vida livre
	Destinar os espécimes que não possam ser libertados a instituições previamente autorizadas pelo IBAMA, para a formação de plantéis reprodutivos em programas integrados de conservação
	Identificar cada espécime por gênero, espécie, nome vulgar, sexo, idade estimada, coordenada do setor
	Marcar todos os espécimes capturados destinados a soltura para posterior monitoramento, respeitando sua saúde
	Formar recursos humanos através da integração do programa às instituições de pesquisa locais ou conveniadas
	Implementar o procedimento de Trabalho Seguro aos procedimentos metodológicos do PRAFT
	Promover a integração da equipe do PRAFT com a equipe executora do plano de supressão a fim de se obter maior sucesso no salvamento dos animais
	Produzir mensalmente um relatório circunstanciado das atividades e resultados e um relatório final ao término do PRAFT
Após a execução do PRAFT	Obter sucesso na estabilidade da comunidade faunística das áreas de soltura e AID para onde os animais serão afugentados

3.1. RESGATE PRÉ-SUPRESSÃO

Esta etapa do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Silvestre é imprescindível e de maior importância para as espécies de animais que habitam a área na qual sua vegetação natural será suprimida para ser substituído por um empreendimento de grande porte como o Porto Sul.

O trabalho de resgate antecipando a supressão da vegetação arbórea tem o principal objetivo de iniciar o afugentamento gradual de espécies animais para áreas contíguas ainda não atingidas e fragmentos florestais localizados ao redor da área a ser desmatada, decorrente das ações que resultam pouco estresse às espécies, como a retirada seqüenciada da vegetação herbácea e arbustiva por meio de roçadeiras a combustão e motosserras, concomitante haverá a instalação das armadilhas e a Procura Visual Ativa (PVA) por espécies de pequeno porte e ninhos de aves.

De forma contrária, as motosserras e as grandes máquinas de supressão de vegetação arbórea e arbustiva promoveriam alto nível de estresse às espécies da fauna, acidentes muitas vezes fatais e maiores riscos aos técnicos do resgate.

Esta imprescindível e importante etapa consiste basicamente em concentrar todos os esforços para capturar e realocar o máximo de espécimes da fauna silvestre que não possuam deslocamento rápido e baixa vagilidade (anfíbios, répteis e pequenos mamíferos) ou aqueles espécimes que estiverem em situação de risco, da área de supressão para área de soltura, bem como, identificar o máximo de ninhos ativos de aves, tempo suficiente para preservar o nascimento e crescimento dos filhotes até ter capacidade de vôo. Como consequência positiva, as ações irão iniciar o processo de afugentamento das espécies mais sensíveis.

Na execução do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Estaleiro Enseada do Paraguaçu, o pré-resgate foi responsável pela captura de 76,5% dos espécimes da fauna, e 83% dos anfíbios (Dados obtidos em: Relatório Final do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Estaleiro Enseada Paraguaçu, 2012). Esses números mostram a importância dessa etapa e a obrigatoriedade em se cumprir o tempo que ela necessita.

A ação do resgate deve iniciar 60 dias antes do início da supressão, tempo mínimo para ocorrer a captura das espécies mais vulneráveis aos acidentes geralmente fatais. Com exceção da área para a instalação do Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres e do Centro de Resgate de Flora, imprescindíveis para o início dos trabalhos ambientais.

O trabalho de resgate antecedendo a supressão se dará em etapas, ou seja, a área do empreendimento será dividida em fases, de acordo com o Plano de supressão (**Quadro 3.2**) e por sua vez subdividido em lotes com aproximadamente 10.000m² cada, a depender da topografia do terreno.

Em cada lote, o resgate da fauna ocorrerá de forma prévia mínima de 60 dias ao momento de supressão. Esse espaço de tempo tem extrema importância, pois os animais estarão em menor estado de estresse, visto que, a supressão da vegetação não foi iniciada, evitando que se acidentem colocando sua vida em risco frente às máquinas de supressão.

Quadro 3.2 - Quadro representativo do plano de supressão

SUPRESSÃO VEGETAL		
LOCAL - TUP BAMIN	CRONOGRAMA (mês / LI = 0)	QUANTIDADE (m ²)
Vias acessos internos e Urbanização	1 ~ 3	210.000
Desvio da BA-001	1	49.800
Ramal, Pera e Pátio Ferroviário	7 ~ 22	878.900
Pátio de Estocagem	8 ~ 15	370.600
Instalações de Apoio Administrativo	5 ~ 9	75.300
Pedreira Aninga da Carobeira	2 ~ 6	800.000
		2.384.600

A seguir está a apresentação das metodologias que serão empregadas durante a etapa de resgate da fauna anterior a supressão.

3.1.1. Armadilhas de Interceptação e Queda (Pitfall traps)

A captura dos animais através das armadilhas de interceptação e queda (*pitfall traps with drift netting* - CECHIN e MARTINS, 2000¹; GREENBERG *et. al.* 1994)² é o meio onde se obtêm bons resultados, capturando, com segurança e pouco *stress*, espécies de pequenos mamíferos, répteis, anfíbios e invertebrados.

A armadilha Pitfalltrap consiste em interceptar o espécime em seu deslocamento natural através de uma barreira plástica em posição vertical de altura igual a 80 centímetros e direcioná-lo a queda, de pequena altura (80 centímetros) em baldes de 65 litros enterrados com a borda superior rente ao solo, intercalados a cada 20 metros, aproximadamente (**Figura 3.1**).

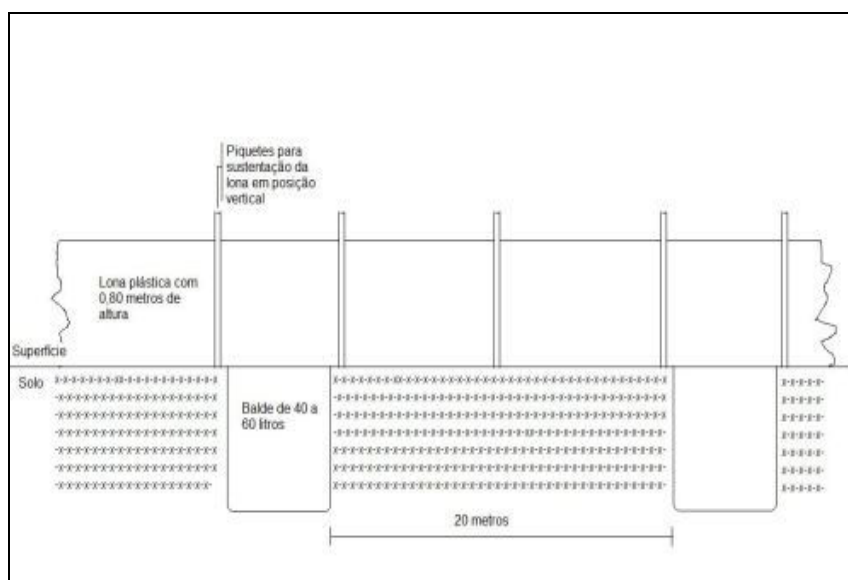


Figura 3.1 -Modelo representativo da armadilha Pitfall trap

Os *grids* de armadilha Pitfall trap poderão ser em três arranjos diferentes a depender da umidade do solo, inclinação do terreno e se há ou não presença de corpo d'água, sendo estes arranjos: em linha reta; em formato de Y; ou em forma circular ao redor dos corpos d'água (**Figura 3.2**).

¹CECHIN, S. Z. & MARTINS, M., 2000.Eficiência de armadilhas de queda (Pitfall traps) em amostragens de anfíbios e répteis no Brasil. *Revta bras Zool*, 17(3): 729-740.

²GREENBERG, C. H., NEARY, D. G. & HARRIS, L. D. 1994.A comparison of herpetofaunal sampling effectiveness of pitfall, single-ended and double-ended funnel traps used with drift fences. *J Herpetol*. 28(3): 319-324.

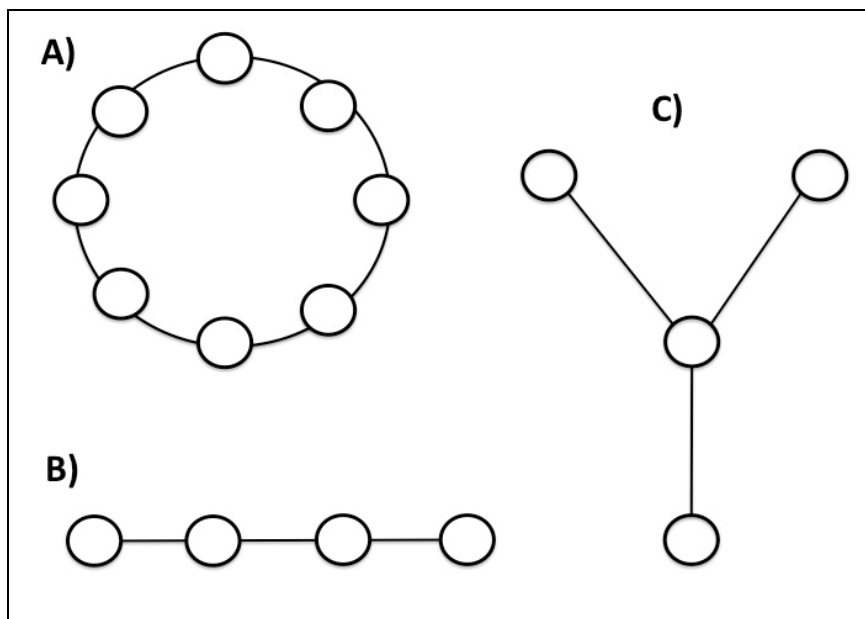


Figura 3.2 -Modelos de arranjos de grids de armadilhas Pitfall trap: A) arranjo circular utilizado ao redor de corpos d'água; B) arranjo em linha reta; e C) arranjo em formato de Y

A poligonal de supressão será dividida em parcelas de 10.000m², e a ordem prioridade das parcelas obedecerão o sentido de afugentamento dos animais para áreas adjacentes ao empreendimento e o plano de supressão. No interior de cada parcela serão instalados no mínimo quatro (4) grids de armadilha Pitfall trap, independente do formato escolhido para a área da parcela. Dentro de cada parcela também será empregado o método PVA (explicado no item seguinte), ao mesmo tempo em que ocorre a retirada do sub-bosque e entulhos (troncos ocos, paus, pedras) serão vistoriados e relocados para constituir abrigos centrais que serão observados freqüentemente (**Figura 3.3**). O solo será vistoriado mediante a limpeza da serapilheira e toda vegetação herbácea proveniente do sub-bosque será colocado sobre girau, separando-as do solo e permitindo que a PVA se torne mais eficiente (**Figura 3.4** e **Figura 3.5**).

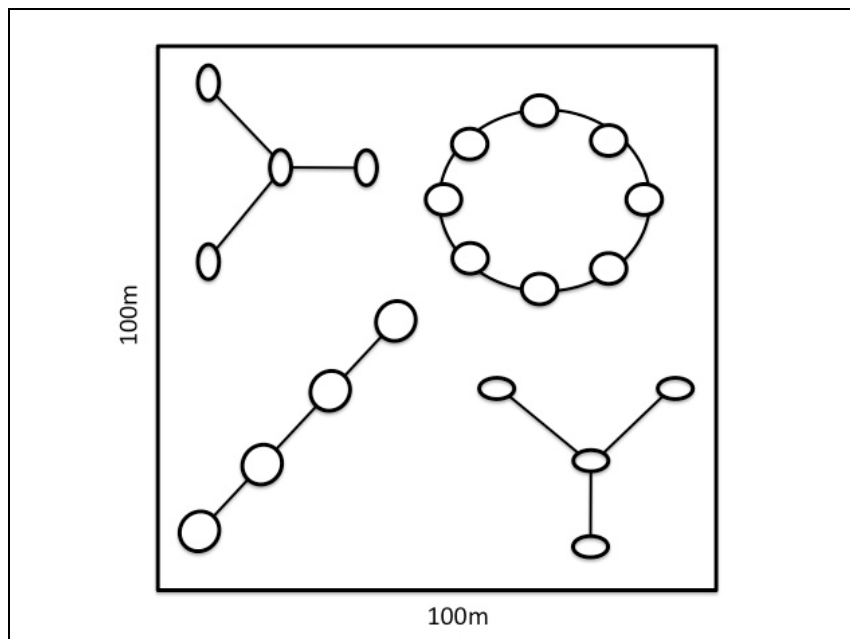


Figura 3.3 -Exemplo de parcela de 10.000m²com os grids de armadilhas Pitfall trap que serão utilizadas durante a execução do PRAFT



Figura 3.4 -Representação dos lotes constituídos de girau organizados entre os grids de Pitfall trap

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012



Figura 3.5 -Modelo de girau, onde será colocado a serapilheira e a vegetação herbácea após a PVA

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

A vistoria de todas as armadilhas será diária, das 08:00 as 11:00 e das 14:00 as 17:00 em dias que houver a PVA noturna os Pitfall também serão vistoriados. Para evitar que os espécimes sofram desidratação, serão adicionados em cada balde pedaços de esponjas, umedecidas a cada visita, sob uma placa de isopor evitando a rápida evaporação. Estas mesmas placas de isopor, devido a sua propriedade de flutuação possuirá também, aliadas a furos para drenagem no fundo da armadilha, a função de evitar que os animais morram afogados em dias de chuva. Em dias que não houver atividades de pré-supressão, como fins de semana, todas as armadilhas serão tampadas e assim desativadas, sendo reativadas na segunda-feira.

Osgrids de armadilhas *Pitfall trap* serão desarmadas quando a curva coletora de espécimes estiver no seu terceiro dia decrescente, os respectivos buracos deixados pelos baldes enterrados serão tapados com terra novamente.

3.1.2. Armadilhas Live trap (modelos Sherman e Tomahawk)

As armadilhas *Live traps* são utilizadas para captura de mamíferos atraído por iscas atrativas compostas de pasta de amendoim, frutas, carne de peixe ou galinha. Estarão utilizadas neste resgate, apenas para captura de mamíferos de pequeno porte como roedores e marsupiais, que não possuem deslocamento rápido sendo necessária a intervenção de captura.

Em cada lote de supressão serão distribuídas aleatoriamente 100 armadilhas *Live Traps* de metal, sendo 50 do modelo Sherman e 50 *Tomahawk* instaladas próximas aos troncos das árvores ou sobre eles com objetivo de atrair os pequenos mamíferos arborícolas. As armadilhas *Live Traps* serão armadas com a utilização de iscas atrativas compostas de pasta de amendoim, frutas.

As *Live Traps* ficaram instaladas por período integral e a vistoria será diária, das 08:00 as 11:00 e das 14:00 as 17:00 em dias que houver a PVA noturna os Pitfalls também serão vistoriados.

3.1.3. Procura Visual Ativa (PVA)

O método de Procura Visual Ativa (PVA) proposto por VITT e ZANI (1996), consiste em vistoriar ocos de pau, serapilheira, abrigos sobre pedras, troncos caídos, árvores e seus ocos, ninhos, poças temporárias e permanentes assim como outros microhabitats em que possam ser encontradas espécies animais (**Figura 3.6**).



Figura 3.6 -Equipe de técnicos do Programa de Resgate executando a PVA noturna

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

As equipes de PVA serão divididas por turno (dia, tarde e noite) para evitar o desgaste físico pessoal e contemplar todos os horários das espécies que é específico à sua historia natural.

No caso do grupo das aves, a PVA se dará em toda a área de supressão, com prioridade para os primeiros lotes. Ao encontrar ninhos e ocos de árvores que estejam ativos, ou seja, com ovos em incubação ou ninhegos, os mesmos serão registrados, quanto a sua coordenada e altura, identificados e cercados por fita zebra (amarela e preta ou vermelha e branca) até que os filhotes saiam naturalmente do local. Os ninhos ou ocos inativos serão inutilizados para que estes não sejam mais ocupados.

No caso das abelhas, a PVA se dará de forma semelhante a das aves, em toda a área de supressão, com prioridade para os primeiros lotes. Ao encontrar enxames que estejam ativos, os mesmos serão registrados, quanto a sua coordenada e altura, identificados e cercados por fita zebra (amarela e preta ou vermelha e branca) até que os sejam removidos para a área de destino.

Os animais de rápido deslocamento, como mamíferos de médio porte, médios lagartos e aves não serão capturados durante a PVA, e sim afugentados em direção a áreas adjacentes e de Reserva Legal.

3.2. ACOMPANHAMENTO DO RESGATE DE FLORA

O resgate de flora, terá um acompanhamento de pelo menos um técnico e um auxiliar para a captura das espécies, pois é comum que espécies vegetais, principalmente as bromeliáceas, se caracterizarem microhabitats de invertebrados, anfíbios e répteis, bem como abrigos de roedores e marsupiais.

3.3. RESGATE DURANTE A SUPRESSÃO

A supressão da vegetação arbórea deverá ser realizada através de tratores de esteira, retro-escavadeiras causando grande impacto.

Neste momento é esperado que grande parte da fauna que possui deslocamento limitado já esteja sido resgatada e realocada para as áreas de soltura pré-definidas. Os animais que deverão ser mais comumente encontrados são aqueles que possuem hábito fossorial como as amphisbaenias (cobra-de-duas-cabeças), os anfíbios ápodos (minhocão) e serpentes semi-fossoriais como as corais.

A supressão dos lotes poderá ocorrer com mais de uma frente, seja qual for a quantidade de frentes, cada uma terá acompanhamento de no mínimo um técnico e um auxiliar de campo, próximo à máquina, porém mantendo distância segura, para capturar os animais que por ventura aparecerem.

3.4. AFUGENTAMENTO DA FAUNA

O afugentamento é o método mais eficiente para as espécies da fauna silvestre que habitam a ADA do Porto Sul, pois evita a situação de maior estresse durante o resgate no qual decorre da captura, contenção e acondicionamento.

Porém, pela própria história biológica de uma parte dos animais este método apenas se aplica para as espécies que possuam deslocamento rápido e que se sintam incomodadas pela alteração gradual do ambiente e da presença dos trabalhadores, estes geralmente são os répteis de médio porte, aves e mamíferos de médio porte e mamíferos voadores.

As ações antrópicas de alteração do ambiente serão direcionadas para a área de Reserva Legal do empreendimento, induzindo as espécies a se deslocar para o remanescente contíguo até chegar à área protegida.

Esta indução a fuga é uma forma de se evitar captura direta do animal, evitando-se consequentemente o estresse causado pela captura.

3.5. PROCEDIMENTOS DE MANEJO

A contenção física de animais silvestres baseia-se em anular seus movimentos defensivos e finalmente permitindo o acesso seguro a seu corpo para realização dos procedimentos necessários, atentando-se a evolução comportamental e maneira como este suporta ou responde às situações de estresse.

A contenção física, sempre que possível, deve ser realizada com auxílio de equipamentos evitando o contato das mãos nuas, prevenindo a ocorrência de acidentes que causem lesões tanto ao animal, quanto ao técnico.

Todas as situações devem ser seguras e requer o conhecimento da biologia da espécie. O técnico experiente possui essas virtudes e transmitirá aos outros da equipe durante treinamentos de capacitação e supervisões das tarefas.

Uma tenda com cadeira e mesa de apoio aos procedimentos técnicos será montada no local da área do resgate (entre as linhas de Pitfall trap) (**Figura 3.7**), sendo montada preferencialmente sob sombras das árvores, a fim de evitar o calor excessivo e/ou a ação da chuva, para que os animais capturados durante aquele turno sejam armazenados e posteriormente encaminhados para o Centro de Triagem e Reabilitação da Fauna Silvestre (CETRAS). Neste local será evitado a permanência ou o trânsito desnecessário de pessoas não autorizadas no manejo dos animais, a fim de evitar estresse adicional e possíveis acidentes.



Figura 3.7 -Tenda de apoio com cadeira e mesa para procedimentos técnicos será montada nos lotes durante a execução do PRAFT
Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Caso algum espécime capturado apresente ferimento, decorrente ou não do manejo ou da supressão, o Médico Veterinário plantonista poderá realizar algum procedimento simples no próprio local, ou se for mais grave, encaminhar com urgência para o CETRAS.

A seguir serão apresentadas as técnicas específicas para cada grupo zoológico.

3.5.1. Invertebrados

Apesar de este grupo contemplar a maior biomassa e diversidade de animais terrestres, serão resgatados apenas os de maior porte, os de importância médica ou que existirem interesse de instituições de pesquisas previamente autorizadas pelo IBAMA e as abelhas nativas e exóticas.

Os invertebrados terrestres, em geral, serão capturados, em sua grande maioria, através de pinças anatômicas (**Figura 3.8**) ou manualmente, protegidos por luva de pano ou couro, que sejam mais confortáveis e menos estressantes para o espécime sem desprezar a segurança do técnico.



Figura 3.8 -Modelo de pinças anatômicas utilizadas na captura de invertebrados terrestres

Os espécimes serão armazenados temporariamente em potes plásticos ventilados de 250, 500 ou 1000 mililitros que contenham um pouco de substrato úmido (**Figura 3.9**).



Figura 3.9 -Modelo de potes plásticos utilizados para acondicionamento temporário de algumas espécies de invertebrados, anfíbios e répteis
Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

As abelhas nativas e exóticas serão resgatadas durante a pré-supressão por meio de buscas sistemáticas por meio da Procura Visual Ativa (PVA) durante o período diurno, de forma a coincidir com o horário de atividade das abelhas e assim permitir a exata localização dos enxames. Após a primeira varredura da área de supressão, o Responsável Técnico de Invertebrados ficará acompanhando as equipes de supressão e atendendo aos eventuais chamados que possam vir a ocorrer, caso algum enxame tenha passado despercebido, principalmente em áreas de difícil acesso, que não tenha sido possível o resgate por conta da topografia do terreno e das condições da mata.

Depois de localizadas, todas as colméias serão georreferenciadas e para viabilizar a posterior identificação/localização das colméias será adotada uma forma padronizada de marcação (Ex: 0001 IT, onde a combinação de números refere-se ao número do registro fotográfico enquanto as letras referem-se as iniciais do nome comum da espécie, no caso em questão de uma abelha Italiana). As marcações adotadas serão também transferidas para os exemplares vegetais com auxílio de tinta vermelha não tóxica assegurando a rápida e fiel identificação de todos os registros e todas as espécies vegetais que abrigarem colméias serão isoladas e sinalizadas com auxílio de fita zebraada num raio aproximado de 5 metros. Essa medida visa a proteção adicional das colméias, impedindo que os exemplares vegetais que as abrigam sejam derrubados pelos operadores de máquina e, não menos importante, promover a segurança de todos os operários presentes no canteiro de obra quando se tratar de abelhas italianas (*Apis mellifera*) ou outras colméias consideradas agressivas quando perturbadas.

Os enxames serão resgatados de duas formas:

- **Abelhas Nativas:** translocação do parte do material lenhoso no qual a colméia esta inserida, ou seja, remoção do ninho inteiro. Dessa maneira, o resgate se dará em três etapas, a primeira é o corte do material lenhoso onde a colméia esta inserida, a segunda refere-se

vedação dos cortiços utilizando barro natural e a terceira etapa refere-se ao transporte destas para a área de destino. Os cortiços devem ser vedados após as 18:00 de forma a garanti que todo o enxame esteja dentro da colméia. O transporte das colméias deverá ser realizado em grande parte a pé, somente utilizando veículo em acessos que favoreçam a mínima trepidação, a fim de minimizar o estresse e evitar que a colméia seja danificada de forma irreversível. Uma vez no local de destino as colméias serão posicionadas de forma similar as registradas nos seus respectivos locais de origem a respeito à rosa dos ventos, inclinação e sombreamento.

- Abelha do gênero *Apis*: os procedimentos de captura envolveram a etapa de corte dos exemplares vegetais lenhosos para exposição das colméias e transferência destas para caixas abrigo (**Figura 3.10**). Essas translocações obedecerão duas etapas: transferência dos favos de cria para caixas abrigo e o transporte definitivo para o ponto de destino. O momento crítico do trabalho de translocação reside na primeira etapa quando a equipe envolvida realiza a transferência da colméia (favo de cria, rainha, favo de mel) para as caixas abrigo e o correto cumprimento desta etapa é fundamental para o sucesso de toda operação.

As abelhas exóticas serão destinadas á apiários registrados próximo à poligonal do empreendimento. As abelhas nativas que passarem por esse procedimento passarão por período de adaptação e somente depois será realizada a transferência da caixa abrigo para área propícia de acordo com a característica de cada espécie.



Figura 3.10 -Deslocamento de enxame de abelha italiana e modelo de caixa abrigo utilizadas para remoção de enxames de abelhas

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Todas as colméias nativas depois da destinação, serão monitoradas duas vezes por mês a fim de se avaliar o sucesso da translocação dos enxames.

Alguns indivíduos de cada colmeia serão capturados e fixados em via úmida de formol a 10% para posterior identificação das espécies as quais as colmeias pertencem.

3.5.2. Anfíbios

Os animais deste grupo serão capturados de mão protegida por luvas, com o auxílio de puçás, potes plásticos ventilados de 250, 500 ou 1000 mililitro ou sacos plásticos transparentes de 5 litros. Serão armazenados temporariamente nos próprios sacos ou potes plásticos em que foi capturado, adicionando substrato úmido. Os sacos plásticos terão o ar renovado a cada 4 horas. Anfíbios de grande porte serão acondicionados em terrários modelo Sanremo com a tampa telada para favorecer a ventilação, constituídos de plástico transparente de tamanhos variados, de acordo com o porte do animal que se deseja alojar, indo desde 20cm até 60cm de comprimento, com larguras e alturas variadas (**Figura 3.11**). Estes compartimentos possuem travas de segurança que não permitem a fuga dos mesmos. No seu interior é colocado papel como substrato de limpeza, vasilha com água e abrigo quando for necessário. Este abrigo pode ser confeccionado com caixas ou tubos de papelão.



Figura 3.11 -Modelos de caixas tipo sanremo para acondicionamento de anfíbios de grande porte e répteis de médio porte

Os anfíbios, dentre os grupos que serão resgatados, se destacam dos demais com relação ao grande número de indivíduos capturados, tanto pelo método de Procura Visual Ativa (PVA) quanto pelo uso das armadilhas Pitfall traps.

Todos os anfíbios capturados serão avaliados clinicamente, identificados, sexados, pesados, mensurados, marcados, avaliado o estágio de desenvolvimento (larval, recém-metamorfosiado, jovem, adulto), avaliado o estágio reprodutivo quando possível (óvulos maduros podem ser vistos facilmente em algumas fêmeas em período reprodutivo) e encaminhados para as áreas de soltura, ou, conforme o resultado da avaliação clínica, ficarão em quarentena até estarem aptos à soltura, ou observado superpovoamento das áreas de soltura, 30% do total de indivíduos de cada espécie (excluindo-se as espécies ameaçadas) pode ser depositada em coleções científicas previamente autorizadas pelo IBAMA.

3.5.3. Répteis

Os répteis possuem formas distintas nas diferentes ordens, devido a isso, apresentaremos esse item pelo táxon de ordem ou classe.

A ordem dos quelônios (cágados e jabutis) é facilmente contida pela carapaça, porém deve-se manter uma distância segura da sua mandíbula, evitando mordidas eventuais. Serão acondicionados em caixas plásticas sanremo ou de madeira que comportem seu tamanho.

Para contenção de serpentes peçonhentas, utiliza-se o pinção herpetológico (**Figura 3.12**) ou o gancho herpetológico (**Figura 3.13**). Estas serão acondicionadas em caixas de madeira modelo Butantãe amarradas com uma fita vermelha indicando que a caixa está ocupada por uma espécie perigosa. As caixas modelo Butantã utilizadas para armazenamento temporário dos répteis a serem possivelmente capturados durante o resgate, são confeccionadas de madeira do tipo "MDF" de um centímetro de espessura (**Figura 3.14**). A caixa possui 12,5 cm de altura por 60 cm de comprimento e 50 cm de largura (12,5X60X50 cm), dotada de uma divisória central que divide a estrutura em dois compartimentos. Cada compartimento possui respectivamente uma tampa de 24,5 x 19,5 cm na face superior da caixa com duas dobradiças de metal e uma trava de segurança. Toda a parte lateral da caixa está munida de furos de no máximo 0,5 cm de diâmetro, que facilita a ventilação dos compartimentos. A parte interna deste material apresenta a superfície limpa e livre de qualquer material químico (tintas ou verniz), ou físico potencialmente cortante, que venha ser prejudicial à saúde dos indivíduos. É importante que as caixas de armazenamento dos répteis sejam escuras para evitar o estresse psicológico causado por movimentos externos, além do mais o escuro da caixa causa sensação de tranquilidade e principalmente segurança ao animal.



Figura 3.12 -Modelo de pinção herpetológico para contenção de serpentes



Figura 3.13 -Modelo de gancho herpetológico para contenção de serpentes



Figura 3.14 -Modelo de caixas tipo Butantã para acondicionamento de serpentes peçonhentas

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

As espécies de serpentes não peçonhentas poderão ser contidas também pela pinça ou gancho herpetológico, e manualmente, protegidas por luva de pano ou couro, a depender da espécie a ser capturada. Serão acondicionadas, individualmente, em sacos de pano, caixas plásticas sanremotamanho pequeno, médio e grande ou ainda em potes plásticos 500 ou 1000 mililitros, dependendo do tamanho e peso de cada indivíduo.

Os lagartos devem ser contidos manualmente usando luvas de pano ou couro e acondicionados em potes plásticos com substrato úmido ou em sacos de pano.

Os jacarés serão capturados como auxílio do laço com cambão (**Figura 3.15**), onde os jacarés terão a boca amarrada com ligas de borracha e fita adesiva prata (Silver tape), os olhos fechados com fita adesiva, e os membros dianteiros e traseiros amarrados de forma a não provocar edemas. Essas capturas deverão ocorrer entre 19h00min e 23h00min, horário de maior atividade desses animais e após todos os procedimentos de triagem e avaliação clínica deverão ser soltos no mesmo dia na área de destino.



Figura 3.15 -Modelos de laço com cambão utilizado na captura de jacarés

Caso se encontre desovas de répteis, as mesmas serão removidas com cuidado, de maneira a não modificar a posição original dos ovos, transportadas até o CETRAS e mantidas em incubadoras com temperaturas adequadas até a eclosão dos filhotes. Após passarem pela triagem, esses filhotes estarão aptos à soltura.

Todos os répteis capturados serão avaliados clinicamente, identificados, sexados, marcados, pesados, mensurados, avaliado o estágio de desenvolvimento (jovem ou adulto), avaliado o estágio reprodutivo quando possível (ovos podem ser vistos no ventre de algumas fêmeas com facilidade) e encaminhados para as áreas de soltura, ou, conforme o resultado da avaliação clínica, ficarão em quarentena até estarem aptos à soltura, ou observado superpovoamento das áreas de soltura, 30% do total de indivíduos de cada espécie (excluindo-se as espécies ameaçadas) pode ser depositada em coleções científicas previamente autorizadas pelo IBAMA.

3.5.4. Aves

Indivíduos deste grupo, por possuírem a capacidade de se deslocar através do vôo, não deveram ser capturados. Porém, se o espécime encontrado apresentar sinais de que seu estado esteja debilitado, este será capturado por meio de puçá ornitológico (**Figura 3.16**), manuseado utilizando-se luva de pano ou couro. As espécies pequenas serão

acondicionadas em sacos de pano e em caixas de madeira ventilada escura, para diminuir o stress já desencadeado pela captura. Caso o animal necessite permanecer no CETRAS por um período maior do que 24 horas, este será acondicionado em gaiola de tamanho proporcional ao seu porte (**Figura 3.17**) ou nos viveiros externos (descritos mais adiante).



Figura 3.16 -Modelos de puçá ornitológico utilizado na captura de aves



Figura 3.17 -Modelos de gaiolas para acondicionamento de aves de pequeno e médio porte

Os ninhos inativos, ou seja, que não possuem ovos ou ninhos abandonados ou em construção, serão coletados como material científico e tombados em um Museu de Zoologia previamente autorizado pelo IBAMA, essa manobra tem o objetivo de evitar uma nova postura.

Os ninhos ativos, com ovos ou ninhos serão identificados e isolados em um raio de 15 metros de distância até que os filhotes tenham desocupado os ninhos por completo. Todo ninho que for manejado deverá seguir as recomendações específicas de cada espécie, evitando ao máximo danos aos ovos ou à ninhos, além da rejeição por parte dos “pais”. Os ninhos ativos serão monitorados duas vezes por semana até que se tornem inativos, quando serão coletados para evitar nova postura.

Em caso de ninhos abandonados, os mesmos devem seguir devidamente acondicionados para o CETRAS para receberem alimentação adequada mais próxima do que é encontrado em seu habitat natural (frutas, sementes, insetos, etc.) ou, com papa industrializada de acordo com sua dieta alimentar, e quando estiverem aptos ao vôo livre e a se alimentarem sozinhos estarão aptos à soltura.

Todas as aves capturadas serão avaliadas clinicamente, identificadas, sexadas (quando possível), marcadas, pesadas, mensuradas, avaliado o estágio de desenvolvimento (ninho, jovem ou adulto), avaliado o estágio reprodutivo quando possível (placa de incubação em algumas fêmeas e mudas de penas e colorido em alguns machos de determinadas espécies) e encaminhados para as áreas de soltura, ou, conforme o resultado da avaliação clínica, ficarão em quarentena até estarem aptos à soltura, ou observado superpovoamento das áreas de soltura, 30% do total de indivíduos de cada espécie (excluindo-se as espécies ameaçadas) pode ser depositada em coleções científicas previamente autorizadas pelo IBAMA.

3.5.5. Mamíferos

Os mamíferos de médio e grande porte não devem ser capturados e sim afugentados em direção as áreas adjacentes à poligonal do empreendimento, porém, caso algum espécime apresente desorientação ou sinais de debilidade, este será capturado através de puçá mastozoológico (**Figura 3.18**). Seu acondicionamento será em caixa de madeira escura ventilada para diminuir o estresse desencadeado na captura e com substrato vegetal seco que proporcione maciez a caixa (**Figura 3.19** e **Figura 3.20**). Caso necessária quarentena, estes animais deverão ser mantidos nos viveiros externos com o mínimo de visitação possível para minimizar o estresse.

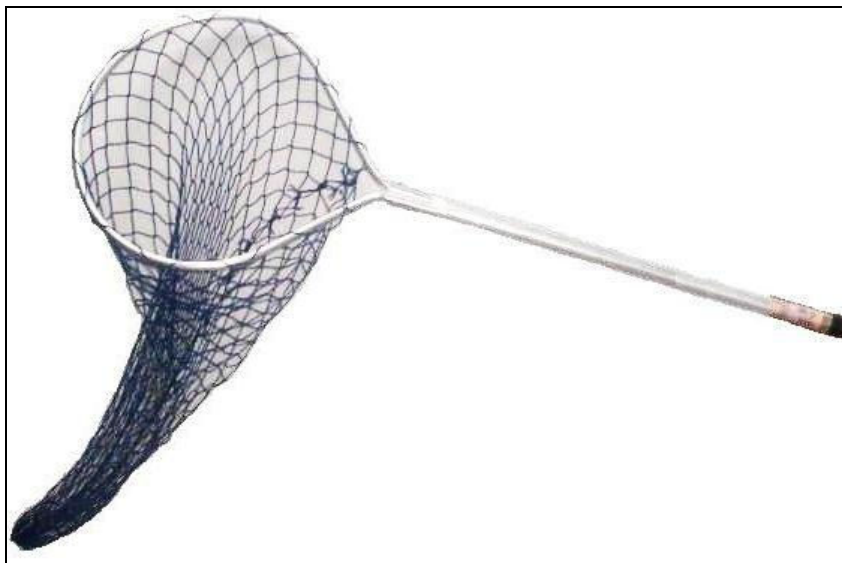


Figura 3.18 -Modelo de puçá mastozoológico para captura de mamíferos de médio e grande porte



Figura 3.19 -Modelos de caixas de madeira para acondicionamento temporário e transporte de alguns mamíferos de médio a grande porte
Fonte: Foto retirada de: <http://bonitopantanal.wordpress.com/2010/03/01/cras-realiza-soltura-de-animais-silvestres-em-jardim/>



Figura 3.20 -Exemplar de Euphractus sexcinctus sendo liberado e modelo da caixa de transporte para mamíferos de médio a grande porte

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

As caixas de transporte para mamíferos de médio porte são de modelo tradicional para o transporte de animais domésticos (por exemplo, cães e gatos) ou silvestres (**Figura 3.21**). Estas caixas são fabricadas de material plástico resistente, com 28 cm de largura, 36 cm de altura, 39 de comprimento (28X36X39cm), e possuem em uma das laterais uma portinhola de grade (de aço) e uma trava de segurança. As caixas de madeira, semelhantes a essas, utilizadas no acondicionamento temporário poderão ser utilizadas no transporte de mamíferos de médio a grande porte.



Figura 3.21 -Modelos de caixas de transporte para mamíferos de médio porte

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Pequenos mamíferos (roedores e marsupiais) que forem capturados pelas armadilhas *Pitfalltraps* e *live traps* serão acondicionados em caixas de madeira semelhante a anterior ou em caixas tipo biotério (**Figura 3.22**), de acordo com o tamanho do espécime.



Figura 3.22 - Modelos de caixas tipo biotério para acondicionamento de mamíferos de pequeno porte

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Em caso de filhotes abandonados, os mesmos deverão seguir para o CETRAS, para avaliação clínica e alimentação até estarem aptos a soltura.

Todos os mamíferos capturados serão avaliados clinicamente, identificados, sexados (quando possível), marcados, pesados, mensurados, avaliado o estágio de desenvolvimento (filhote, jovem ou adulto), avaliado o estágio reprodutivo quando possível e encaminhados para as áreas de soltura, ou, conforme o resultado da avaliação clínica, ficarão em quarentena até estarem aptos à soltura, ou observado superpovoamento das áreas de soltura, 30% do total de indivíduos de cada espécie (excluindo-se as espécies ameaçadas) pode ser depositada em coleções científicas previamente autorizadas pelo IBAMA.

As três espécies de primatas confirmadas para a poligonal do empreendimento pedem uma orientação específica de um primatólogo e do uso de material específico para relocação e afugentamento dos grupos residentes na área. Deve-se considerar que indivíduos de um grupo específico, geralmente, não se integram em outro, e podem competir pelos recursos disponíveis.

Um primatólogo irá acompanhar e monitorar os grupos de primatas que residem na poligonal do empreendimento para traçar estratégias de afugentamento e relocação desses grupos, buscando minimizar o estresse e encontros territoriais entre grupos. Para melhor eficiência e sucesso nesse monitoramento serão utilizados equipamento de radiotelemetria.

3.6. MARCAÇÃO DOS INDIVÍDUOS

As espécies da fauna serão marcadas com objetivo de monitoramento futuro nas áreas de soltura. A marcação varia conforme o grupo zoológico.

Todas as espécies de anfíbios e todas as serpentes e lagartos pequenos serão marcadas com a substância inerte denominada de Bioelastômero (**Figura 3.23**), no qual as espécies serão diferenciadas pela combinação de cores apresentadas em seus membros posteriores (no caso dos anfíbios e pequenos lagartos) (**Figura 3.24**) ou logo após a cloaca (no caso das serpentes pequenas) relativa a um número de registro.



Figura 3.23 -Kit de Bioelastômero utilizado na marcação de anfíbios e répteis de pequeno porte



Figura 3.24 - Marcação em anfíbio com bioelastômero em luz ambiente
Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Os quelônios e jabutis serão marcados no casco com escoriação do segmento do casco utilizando-se uma furadeira que será relativo a uma numeração.

A marcação das aves será realizada com anilha numerada e anilha colorida colocadas no tarso com ajuda de um alicate (**Figura 3.25**). As anilhas numeradas serão fornecidas pelo Centro Nacional de Pesquisa para Conservação de Aves Silvestres (ICMBIO/CEMAVE) e a execução do anilhamento por técnico em dia com Sistema Nacional de Anilhamento (SNA).



Figura 3.25 -Leptotilla rafxilla (Juriti-gemeadeira) marcada com anilhas colorida e numerada CEMAVE

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012

Os mamíferos de médio e grande porte e os répteis de médio e grande porte (lagartos e serpentes) serão marcados utilizando um microchip com aplicação subcutânea (**Figura 3.26 e Figura 3.27**). A microchipagem é um método moderno de identificação eletrônica de animais, simples, rápido, eficaz, permanente, inviolável e indolor após a aplicação. A identificação é realizada através de um leitor eletrônico sem que haja a necessidade de manuseio do espécime, minimizando o stress da contenção manual. Todas as serpentes peçonhentas serão marcadas com microchip a fim de se evitar manuseio sem que aja necessidade evitando, assim, acidentes ofídicos.

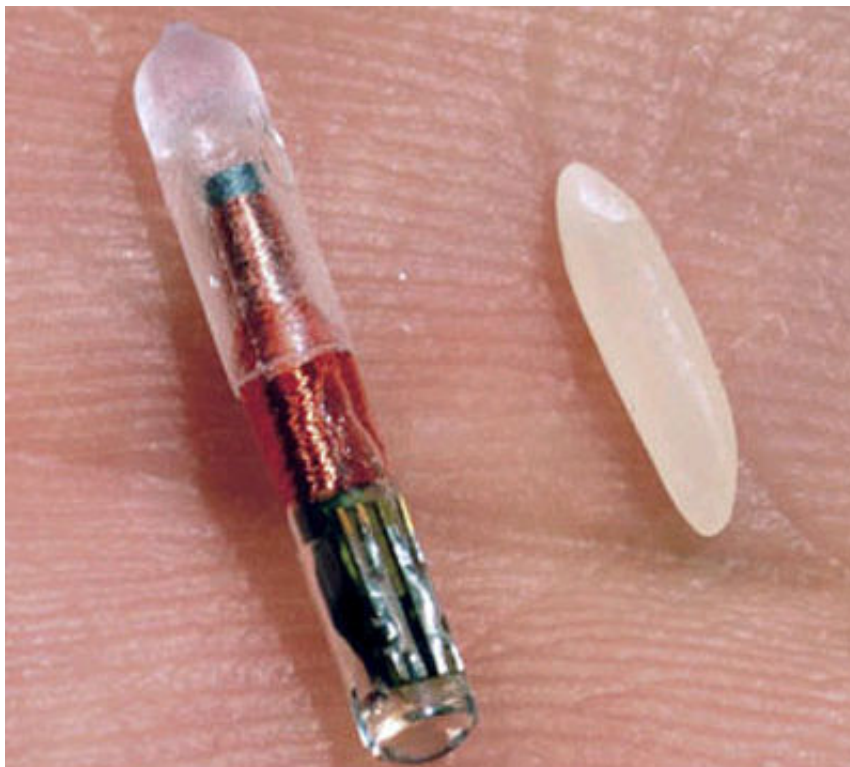


Figura 3.26 -Modelo de microchip de aplicação subcutânea utilizado na marcação de répteis de médio a grande porte e de mamíferos de médio a grande porte



Figura 3.27 -Aplicação de microchip em exemplar de *Tamandua tetradactyla*

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012.

Os mamíferos de pequeno porte, como pequenos roedores e marsupiais, serão marcados com brincos numerados na parte inferior da orelha (**Figura 3.28**). Os brincos são confeccionados em aço inox, leves e fáceis de colocar.



Figura 3.28 -Modelo de brinco de inox para marcação de pequenos mamíferos

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012.

Os mamíferos voadores, quirópteros, serão marcados com anilhas alfa-numéricas em coleiras plásticas (**Figura 3.29**).



Figura 3.29 -Anilha alfa-numérica usada como marcação sendo colocada em exemplar de *Carollia perspicillata*.

Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012.

3.7. TRANSPORTE

Ao final de cada turno os animais capturados e acondicionados especificamente serão arrumados sobre a carreta (**Figura 3.30**), que será puxada por um quadriciclo 4x4 Honda (**Figura 3.31**) com velocidade máxima permitida de 20 km/h. A carreta deverá ser protegida dos raios solares e ventilada e em seu piso instalada uma espuma de alta densidade para minimizar os impactos da estrada até o CETRAS. Como suporte o Programa também contará com no mínimo três (3) pick-up 4x4 para transporte e logística do PRAFT.



Figura 3.30 -Modelo de carreta que será utilizada durante a execução do PRAFT dentro da área de supressão



Figura 3.31 -Modelo de quadriciclo 4x4 Honda que será utilizado durante a execução do PRAFT dentro da área de supressão
Fonte: Foto retirada de Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012.

O transporte dos espécimes aptos a reintrodução serão transportados para as áreas de reservas predefinidas por meio de um veículo apropriado ao local, seja ele um automóvel traçado (4x4), carreta puxada por um quadriciclo ou barco, e este, independente de qual veículo for, estará forrado com espumas de densidade alta a fim de evitar trepidação excessiva.

3.8. PROCEDIMENTOS MÉDICO-VETERINÁRIO

O caráter de atendimento rápido em resgates de fauna exige prática do profissional médico veterinário, cuja experiência em emergência veterinária é crucial para o bom andamento do trabalho.

Os procedimentos básicos adotados seguem regras de rotina em atendimentos emergenciais com características particulares como, por exemplo: agilidade e conhecimento em solucionar problemas simples ou graves, além da rapidez para encaminhamento e destinação final.

Os seguintes procedimentos são adotados no processo de resgate de fauna:

- Conhecimento prévio da fauna através de estudos anteriores do local para prever prováveis espécies encontradas no resgate;
- Visualização do animal em campo e captura;
- Identificação do grupo taxonômico;
- Observação imediata dos aspectos físicos (saúde aparente);
- Acondicionamento temporário ou encaminhamento emergencial;
- Triagem no centro de manejo e procedimentos necessários.

Os procedimentos necessários no centro de triagem e manejo serão adotados de acordo com o grupo zoológico em questão, estado de saúde do espécime, interesse científico e destinação que poderá ser a recuperação do animal para soltura, encaminhamento à zoológicos ou centros de pesquisa, soltura imediata (de acordo com os hábitos do animal, diurno ou noturno), ou ainda encaminhamento para coleções científicas devidamente credenciadas.

Os procedimentos médicos que deverão ocorrer para cada animal irão variar da simples observação do estado geral de saúde do indivíduo até a aplicação de medicamentos, exames e/ou pequenas cirurgias, notadamente de caráter ortopédico-traumático, que tem altos riscos de ocorrer em operações de resgate.

Destina-se aos animais em período de reabilitação e/ou quarentena, detalhando os cuidados específicos necessários como alimentação, tratamento, ambientação e higienização dos recintos, além do detalhamento dos procedimentos de captura e medidas sanitárias profiláticas a serem adotadas:

- Durante as atividades todas as espécies resgatadas serão avaliadas por profissionais com comprovada competência técnica em relação ao manejo e clínica de fauna silvestre;
- A respeito de mamíferos de médio e grande porte, aves adultas independentes e répteis de médio porte, só será efetivado o resgate quando a espécie em questão não apresentar condições e evadir-se da área, correr risco de dano físico, psicológico ou de vida, ou caso o *status* da espécie requeira uma realocação coordenada para as áreas de soltura previstas;

- Toda a equipe de resgate será equipada com os EPI's necessários (ex: luvas, botas, perneiras, etc.) minimizando os riscos de acidentes;
- O manejo será realizado com material de contenção apropriado (ex: gancho para contenção de serpentes, redes, puçás, luvas, etc.);
- Toda a dieta oferecida durante a reabilitação ou manutenção dos animais, será balanceada e seguirá as exigências fisiológicas de cada espécie (padrões da SZB e dos grupos de manejo específicos);
- Todos as caixas de transporte e recintos serão desinfetados quimicamente (GERMEN-KILL e formaldeídos) e fisicamente (troca de substrato e "vassoura de fogo"), seguindo os padrões sanitários internacionais;
- O tratamento clínico será responsabilidade de um médico veterinário com comprovada experiência no assunto, e ocorrerá, ou no centro de recepção de espécimes silvestres, ou no campo, quando se faça necessário;
- No caso de óbitos, a necropsia será realizada e o laudo com a *causa mortis* emitido pelo médico veterinário.

3.9. DESTINAÇÃO

3.9.1. Áreas de soltura

Os animais capturados que estiverem em plenas condições físicas, após passarem pelas etapas de triagem, biometria e marcação serão soltos nas áreas predefinidas que apresentarão os mesmos domínios vegetacionais do local que será realizado o resgate. Os espécimes serão soltos no período do dia que corresponde ao seu horário de maior atividade e na mesma fitofisionomia a qual foram capturados.

A escolha de áreas para conservação e refúgio da fauna, está condicionada às condições de conservação da flora local e proteção contra caçadores. A soltura dos animais capturados durante os trabalhos de resgate será realizada na área de Reserva Legal do empreendimento Porto Sul, a Ponta do Tulha.

A Ponta do Tulha, também faz parte do Corredor Central da Mata Atlântica e da APA lagoa Encantada e rio Almada. Sua vegetação e fauna são bastante semelhantes às de Aritaguá, porém se encontram em melhor estado de conservação.

3.9.2. Coleções zoológicas

Durante a execução do PRAFT, será avaliado se as áreas de soltura poderão sofrer desequilíbrio das populações devido ao superpovoamento das diferentes espécies. Estabelecemos que no máximo 30% dos indivíduos de cada espécie podem ser destinados à coleções zoológicas de Instituições de Pesquisa previamente autorizadas pelo IBAMA. Nesses 30% estão incluídos aqueles animais que virão a óbito naturalmente ou acidentalmente durante a execução do PRAFT. Obrigatoriamente, 70% dos indivíduos de cada espécie (os mais aptos) deverão ser soltos nas áreas de destino. As espécies que se encontram no Livro Vermelho das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção do Ministério do Meio Ambiente (2008), somente serão destinados à coleções zoológicas caso o indivíduo venha a óbito de maneira natural ou acidental.

O monitoramento da fauna da área de soltura deverá começar antes do início da execução do PRAFT e permanecer durante as atividades de resgate para que possamos avaliar a estrutura populacional da área e se esta está passando por desequilíbrio de superpopulações. E após a supressão, o monitoramento é também imprescindível para analisar as flutuações e o comportamento das comunidades animais frente a introdução de muitos espécimes provenientes do PRAFT.

3.9.2.1. Procedimentos de morte e fixação

Os animais destinados a coleções zoológicas que não vierem a óbito naturalmente ou acidentalmente serão mortos atendendo os princípios de bem-estar animal e de acordo com a Resolução nº 1000 do Conselho Federal de Medicina Veterinária que dispõe sobre os métodos de eutanásia. Esses procedimentos serão, realizados ou supervisionados pelo Médico Veterinário Responsável Técnico do PRAFT. O método de fixação dos espécimes que serão aproveitados como material científico foi baseado de Auricchio & Salomão (2002).

Anfíbios - Os espécimes serão anestesiados e mortos utilizando-se Cloridato de Lidocaína (Xilocaina 5%) pelo contato direto com o tegumento do animal. Após a morte, os espécimes serão arrumados em posição taxonômica fixados com formaldeído a 10% (injetada na cloaca em espécimes de médio a grande porte ou somente embebidas no caso de pequeno porte) por 24 horas e depois permanecem em via úmida de álcool etílico a 70%.

Répteis - Os espécimes serão anestesiados e mortos utilizando-se Rompum 10ml (Xilazina 2%). Após a morte, serão arrumados em posição taxonômica fixados com formoldeído a 10% que é injetada em diversos pontos de toda a cavidade pleuro-peritonial e permanecem embebidos na substância por 24 horas e depois permanecem em via úmida de álcool etílico a 70%.

Aves - Os espécimes serão anestesiados e mortos utilizando-se Barbitúricos ou outros anestésicos gerais injetáveis ou anestésicos inalatórios seguidos de outro procedimento para assegurar a morte. Após a morte, os espécimes serão taxidermizados em via seca como “pelecheias”, onde a pele é separada do restante do animal e preenchida com manequim de algodão.

Mamíferos – Os espécimes serão anestesiados e mortos utilizando-se Barbitúricos ou outros anestésicos gerais injetáveis ou anestésicos inalatórios seguidos de outro procedimento para assegurar a morte. Após a morte, os espécimes de mamíferos podem ser fixados em via úmida como os répteis ou em via seca como as aves, o que definirá o método escolhido será o tamanho do animal e o interesse da coleção zoológica autorizada.

Todos os espécimes fixados serão etiquetados com número de campo, referente a todas as informações de campo, antes de seguirem para a coleção zoológica autorizada.

3.10. CENTRO DE TRIAGEM E REABILITAÇÃO DOS ANIMAIS SILVESTRES (CETRAS)

O Objetivo principal do Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestre é de receber apenas os animais capturados durante o Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Silvestre do empreendimento Porto Sul, triá-los, reabilitá-los, caso seja necessário, e liberá-los para soltura nas áreas predefinidas.

Dentro da área do empreendimento, existe uma localidade com potencial para construir o alojamento dos técnicos e o CETRAS, aproveitando as infraestruturas da sede da fazenda. A fazenda está localizada na Coordenada UTM 491212/8377216, e possui como vantagem, a proximidade de acesso e somente precisará construir os viveiros externos e reformar a estrutura existente.

No geral, o CETRAS deverá conter uma sala técnica para triagem dos animais, uma sala técnica para procedimentos médico-veterinários, sala de recepção dos animais, sala de acondicionamento temporário e recintos externos para animais de médio a grande porte (**Figura 3.32 e Anexo 3**).



Figura 3.32 - Perspectiva do CETRAS e Alojamento

Recintos para animais de médio e grande porte serão construídos próximo ao centro de triagem em local sombreado, onde serão acomodados caso necessitem permanecer por algum tempo sob os cuidados médicos.

Serão construídos dois tipos de recintos:

- Recintos Tipo 1 (**Figura 3.33 e Anexo 3**) - Este viveiro inclui 6 recintos e um corredor de manejo. Será construído em alvenaria com frente e forro em armação de madeira e coberto em tela galvanizada com malha de um centímetro; a cobertura será com telhas de cerâmica, que evita o calor, com beiral de um metro de comprimento para evitar ação da chuva, e piso de cimento liso, com pequeno desnível para facilitar a limpeza. Será dividido em seis compartimentos, cada um com dois metros de comprimento por dois metros de largura e dois metros de altura (2 x 2 x 2 m), totalizando doze metros de comprimento por dois metros de largura. Cada compartimento terá uma porta de um metro e sessenta centímetros de altura por cinquenta centímetros de largura (1,60 x 0,50 m), sendo suficiente para o manejo dos animais, todas com fechadura e cadeado. O corredor de manejo é comum aos seis recintos e possui largura de 1,8m com acesso para exterior através de porta dupla de tela de alambrado com fechadura e cadeado;



Figura 3.33 -Perspectiva dos recintos tipo 1

- Recintos Tipo 2 (**Figura 3.34 e Anexo3**) - Este viveiro inclui 2 recintos com cambiamiento e um corredor de manejo totalizando 21,6m²(5,2m x 8m). Cada recinto terá 2,8m de largura por 3,66m de comprimento e altura mínima de 2,5m. Corredor de manejo com 5,6m de largura e 2m de comprimento. A área de cambiamiento em cada recinto com 1m x 1,8m, adjacente ao corredor de manejo. Porta de acesso ao corredor feita de chapa de ferro e visor gradeado com sistema de tranca e cadeado. Porta tipo guilhotina de chapa de ferro para acesso do animal do recinto ao cambiamiento, com sistema de acionamento a distância (acesso pelo corredor de manejo). Laterais dos recintos, cambiamiento e corredor de manejo em alvenaria. Portas de acesso ao recinto feita de chapa de ferro com visor gradeado com tranca e cadeado. Piso em cimento com pequeno declive para facilitar a limpeza. Acesso ao corredor de manejo por porta dupla de grade reforçada. Parede da frente dos recintos em tela de alambrado reforçada. Parte superior fechada com grade reforçada.

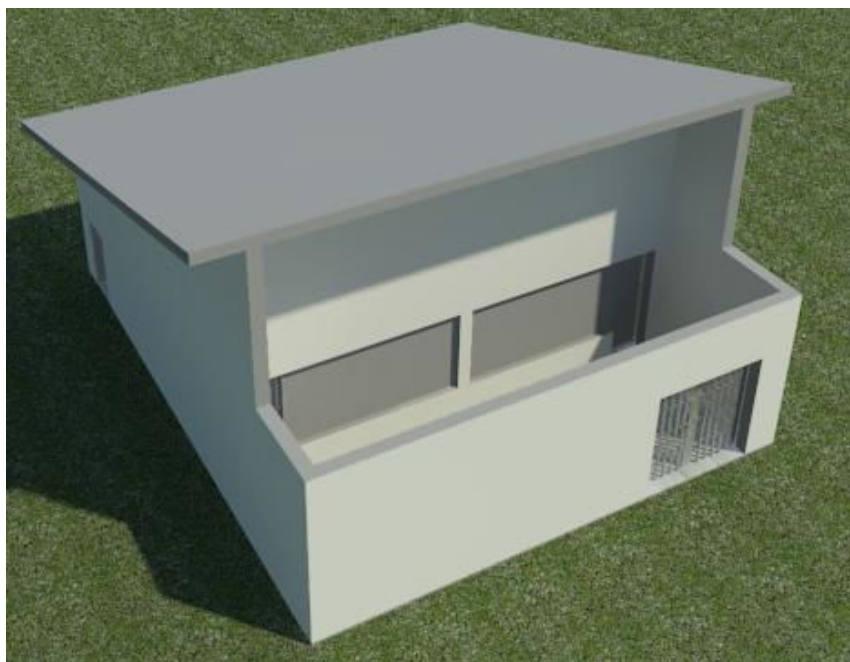


Figura 3.34 -Perspectiva dos recintos tipo 2

O alojamento dos técnicos deverá ter situações confortáveis de descanso e trabalho administrativo para que a equipe do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Porto Sul permaneça em seu local de trabalho e próximo a eventuais urgências relativas ao programa.

3.11. TREINAMENTO E CAPACITAÇÃO DA EQUIPE

O treinamento e capacitação de toda a equipe se realizará antes do início da execução do PRAFT, no CETRAS, por meio de Workshop coordenado pelos profissionais experientes (nível 1), os quais transmitirão aos técnicos nível 2, aos estagiários e aos auxiliares de campo suas experiências e as metodologias que serão empregadas pertinentes no programa, dentre outros assuntos.

A inclusão de novos técnicos no decorrer do resgate implica na mobilização de um técnico nível 1 para capacitação e treinamento deste novo membro da equipe.

Visando capacitar técnicos e pessoal de apoio que atuarão no resgate o Workshop abordará os seguintes tópicos:

- Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna: importância, objetivos, metodologia;
- Equipes de trabalho e especialização por componente;
- Características físicas, faunísticas e florísticas da área do empreendimento;
- Uso dos equipamentos e materiais empregados durante o PRAFT;
- Técnicas de contenção por grupo zoológico específico;
- Manejo rotineiro e inspeção;
- Animais venenosos e peçonhentos prevenção de acidentes;
- Uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) e normas de segurança;

- Educação ambiental e sanitária.

3.12. CONVÊNIO COM INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E ENSINO SUPERIOR

Será estabelecido convênio com a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) para participação nos trabalhos como produção científica e vagas de estágio para alunos que cursam Ciências Biológicas na instituição.

As espécies da herpetofauna e mastofauna que serão aproveitados como material científico durante a execução do PRAFT do Porto Sul serão encaminhados para o Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), espécies da avifauna, bem como ninhos inativos e ovos abandonados e/ou não fecundados serão encaminhados para o Museu de Zoologia da UESF, o qual segue em anexo as cartas de intenção enviada pelas instituições (**Anexo 4**).

4.

O **Quadro 4.1** apresenta a legislação federal aplicável a este programa.

Quadro 4.1 - Legislação Federal Aplicável ao Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna

Legislação	Disposição/caput
Lei Nº 5197/1967 da Constituição Federal	Dispõe sobre a proteção à fauna, proibindo a perseguição, utilização, destruição, caça, apanha e comércio de animais de quaisquer espécies, em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo a fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais.
Instrução Normativa nº 169 e 179 do IBAMA	Institui e normatiza as categorias de uso e manejo da fauna silvestre em cativeiro em território brasileiro, visando atender as finalidades socioculturais, de pesquisa científica, de conservação, exposição, de manutenção, de criação, de reprodução, de comercialização, de abate e de beneficiamento de produtos e subprodutos, constantes do Cadastro Técnico Federal (CTF) de Atividades Potencialmente Poluidoras ou Utilizadoras de Recursos Naturais, e define as diretrizes e procedimentos para destinação dos animais da fauna silvestre nativa e exótica apreendidos, resgatados ou entregues espontaneamente às autoridades competentes.
Lei Federal 9605/98	Dispõe em seu Capítulo V sobre os crimes contra a fauna, em que proíbe matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida; praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos.
Instrução Normativa Nº 146/2007 IBAMA	Esta Instrução Normativa estabelece os critérios e padroniza os procedimentos relativos a fauna no âmbito do Licenciamento Ambiental de empreendimentos, como Salvamento, Resgate e Afugentamento da Fauna.

5. CRONOGRAMA FÍSICO

Os **Quadro 5.1** e **5.2** apresentam o cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul incluindo as áreas prioritárias e não prioritárias durante a fase de implantação do empreendimento.

Quadro 5.1 - Cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul – Áreas Prioritárias.

ATIVIDADES	MÊSES													
	Prévio ao resgate	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Solicitação de Autorização de Coleta, Captura e Transporte de Material Biológico (ACCTMB)														
Preparação do CETRAS														
Aquisição de equipamentos e materiais do CETRAS														
Treinamento da Equipe Técnica														
Treinamento da Equipe Técnica em Saúde e Segurança (BAMIN)														
Treinamento da equipe em campo														
Planejamento do resgate														
Elaboração de Cronograma de Atividades														
Impressão das Planilhas														
Resgate de Fauna na pré-supressão (Desvio da BA-001) e Acesso Ponte Almada														
Resgate de Fauna durante a supressão (Desvio da BA-001) e Acesso Ponte Almada														
Resgate de Fauna na pré-supressão (Acesso Itariri ao Porto Sul)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Acesso Itariri ao Porto Sul)														
Resgate de Fauna na pré-supressão (Canteiro e Área Offshore)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Canteiro e Área Offshore)														
Resgate de fauna na pré-supressão (Canteiro Onshore)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Canteiro Onshore)														
Resgate de fauna na pré-supressão (Pedreira Aninga e Canteiro)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Pedreira Aninga e Canteiro)														
Resgate de fauna na pré-supressão (Área Administrativa)														
Resgate de Fauna durante a supressão (Área Administrativa)														
Reintrodução das espécies resgatadas														
Relatório Mensal														
Relatório Final														

Quadro 5.2 - Cronograma das atividades do PRAFT do Porto Sul – Áreas não Prioritárias.

Atividades/ Local	MÊSES																												
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	
Resgate pré-supressão (Subestação Ponte de Acesso)																													
Resgate supressão ((Subestação Ponte de Acesso)																													
Resgate pré-supressão (Subestação Principal)																													
Resgate supressão (Subestação Principal)																													
Resgate pré-supressão Pera e Acesso Ferroviário)																													
Resgate supressão Pera e Acesso Ferroviário)																													
Resgate pré-supressão (Pátio de Estocagem)																													
Resgate supressão (Pátio de Estocagem)																													
Resgate pré-supressão (Virador de Vagões)																													
Resgate supressão (Virador de Vagões)																													
Resgate pré-supressão (Oficina Locomotivas e Vagões)																													
Resgate supressão (Oficina Locomotivas e Vagões)																													
Resgate pré-supressão (Transportadores)																													
Resgate supressão (Transportadores)																													
Resgate pré-supressão (Área TCLD)																													
Resgate supressão (Área TLCD)																													
Reintrodução das espécies resgatadas																													
Relatório Mensal																													
Relatório Final																													

6. MEDIDAS MITIGADORAS RELACIONADAS

O presente programa tem como medida mitigadora a identificação de áreas apropriadas para a soltura das espécies resgatadas, antes do início do resgate, onde deve ser feita a soltura e monitoramento de espécies resgatadas.

7. INTERRELAÇÃO COM OUTROS PROGRAMAS

Este programa está relacionado principalmente com os seguintes programas:

- 1) Programa de Resgate de Flora;
- 2) Programa de Gerenciamento Ambiental;
- 3) Programa Ambiental para a Construção.

8. EQUIPE TÉCNICA

O PRAFT do Porto Sul terá a mobilização de profissionais com nível superior experientes na função que irão exercer (nível 1) e legalmente responsáveis pelas suas obrigações. Esta equipe será formada por nove profissionais, sendo estes dois coordenadores, seis biólogos com qualificação específica para cada grupo de fauna (abelhas, anfíbios, répteis, aves, primatas e outros mamíferos) e um veterinário, conforme apresentado no **Quadro 8.1**.

Outra equipe de pelo menos sete técnicos com menos ou sem experiência (nível 2) e pelo menos sete estagiários de ensino superior (do curso de medicina veterinária e ciências biológicas) (nível 3), será treinada para dar apoio e suporte aos profissionais nível 1. A equipe também contará com um técnico especializado em ArcGIS e um técnico especializado em análises estatísticas.

O programa ainda contará com o apoio de pelo menos 50 auxiliares de campo, para fornecer suporte na instalação das armadilhas e outros procedimentos de resgate. Os auxiliares serão selecionados nas comunidades do entorno do empreendimento, e que passarão por um treinamento sobre manejo de animais e palestras de educação ambiental.

Quadro 8.1 - Perfil da Equipe Técnica Responsável pelo Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna

Profissional	Formação/Experiência	Função
Biólogo Senior	Experiência em resgate de fauna em projeto de grande porte.	Coordenação e responsabilidade técnica
Biólogo Senior	Experiência em resgate de fauna em projeto de grande porte.	Coordenação e responsabilidade técnica
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em mastofauna.	Técnico responsável pelo grupo dos Mamíferos (exceto primatas)
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em primatas.	Técnico responsável pelo grupo dos Primatas
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em avifauna	Técnico responsável pelo grupo das Aves
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em répteis.	Técnico responsável pelo grupo dos Répteis
Biólogo (técnico nível 1)	Especialista em anfíbios.	Técnico responsável pelo grupo dos Anfíbios
Apicultor	Especialista em abelhas	Técnico responsável pelo grupo das Abelhas
Veterinário	Experiência em resgate de fauna em projeto de grande porte.	Médico Veterinário

9. RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO PROGRAMA

Os responsáveis pela elaboração deste programa são os Biólogo AngeloGiusepe Rodrigues Brasileiro e Lais Carvalho Encarnação (**Anexo 5**).

10. RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DO PROGRAMA

A implantação deste programa é de responsabilidade do empreendedor.

11. REFERÊNCIAS

AURICCHIO, P. & SALOMÃO, M. G. 2002. Técnicas de coleta e preparação de Vertebrados para fins científicos e didáticos. Instituto Pau Brasil de História Natural, 348p.

CECHIN, S. Z. & MARTINS, M., 2000. Eficiência de armadilhas de queda (Pitfall traps) em amostragens de anfíbios e répteis no Brasil. *Revta bras Zool*, 17(3): 729-740.

EIA-RIMA do Porto Sul, 2012. Dados obtidos no Tomo XI – Apendice 10 - Fauna e Tomo XIII – Apendice 12-Flora.

Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2012. Relatório Final do Programa de Resgate e Afugentamento da Fauna Terrestre do Estaleiro Enseada do Paraguaçu.

Estaleiro Enseada do Paraguaçu, 2013. Relatório da Sexta Campanha de Monitoramento da Fauna Terrestre do Estaleiro Enseada do Paraguaçu.

GREENBERG, C. H., NEARY, D. G. & HARRIS, L. D. 1994. A comparison of herpetofaunal sampling effectiveness of pitfall, single-ended and double-ended funnel traps used with drift fences. *J Herpetol*. 28(3): 319-324.

IUCN 2013. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2013.2. <<http://www.iucnredlist.org>>. Downloaded on 21 November 2013.

Ministério do Meio Ambiente, 2003 Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira. Instrução Normativa No 003, de 26 de maio de 2003. *Diário Oficial da União*, 27 de maio de 2003.

Ministério do Meio Ambiente, 2006. O corredor central da Mata Atlântica: uma nova escala de conservação da biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente, Conservação Internacional e Fundação SOS Mata Atlântica, 46p.

Ministério do Meio Ambiente, 2010. Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Núcleo Mata Atlântica e Pampa; organizadores Maura Campanili [e] Wigold Bertoldo Schaffer. Brasília, Biodiversidade (34): 408p.

Rodrigues, M. 2006. Hidrelétricas, Ecologia Comportamental, Resgate de Fauna: uma Falácia. *Natureza & Conservação*, 4(1): 29-38.

SOS Mata Atlântica, 2013. Nossa causa: Mata Atlântica. Disponível em: <<http://www.sosma.org.br/nossa-causa/a-mata-atlantica/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2013.

VITT, L. J. & ZANI, P. A. 1999. Espósito MC: Historical ecology of Amazonian lizards: implications for community ecology. *Oikos* 87: 286-294.

ANEXOS

Anexo 1 - Lista de espécies confirmadas e de potencial ocorrência da ADA do empreendimento Porto Sul

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
Anfíbios	Anura	Aromobatidae	<i>Allobates olfersioides</i>	Sapinho-foguete	ADA, AID e AII	VU
		Brachycephalidae	<i>Ischnocnema bilineata</i>	Rãzinha-da-mata	SD	
			<i>Ischnocnema cf. guentheri</i>	Rãzinha-do-folhiço	SD	
			<i>Ischnocnema paulodutraii</i>	Rãzinha-do-folhiço	ADA, AID e AII	
			<i>Ischnocnema ramagii</i>	Rãzinha-do-folhiço	AID e AII	
			<i>Ischnocnema vinhai</i>	Rãzinha-do-folhiço	ADA e AID	
		Bufonidae	<i>Frostius erythropthalmus</i>	Sapinho-preto	SD	
			<i>Rhinella crucifer</i>	Sapo-cururuzinho	ADA, AID e AII	
			<i>Rhinella granulosa</i>	Sapo-granuloso	ADA, AID e AII	
			<i>Rhinella hoogmoedi</i>	Sapo-da-mata	ADA e AID	
			<i>Rhinella jimi</i>	Sapo-cururu	SD	
		Centrolenidae	<i>Vitreorana eurygnatha</i>	Rã-de-vidro	ADA	
		Craugastoridae	<i>Haddadus binotatus</i>	Rã-do-folhiço	ADA, AID e AII	
		Cycloramphidae	<i>Macrogenioglottus alipioi</i>	Sapo-andarilho	AII	
			<i>Odontophrynus carvalhoi</i>		AII	
			<i>Proceratophrys renalis</i>	Sapo-de-chifres	AII	
			<i>Thoropa miliaris</i>	Rã-das-pedras	SD	
		Eleutherodactylidae	<i>Adelophryne pachydactyla</i>		AII	
		Hemiphraactidae	<i>Gastrotheca fissipes</i>		SD	
		Hylidae	<i>Agalychnis aspera</i>	Perereca-das-folhagens	AII	
			<i>Aparasphenodon brunoi</i>	Perereca-cabeçuda	AII	
			<i>Aplastodiscus ibirapitinga</i>	Perereca-flautinha	SD	
			<i>Aplastodiscus sibilatus</i>	Perereca-verde	AID	
			<i>Bokermannohyla capra</i>	Perereca-bode	SD	
			<i>Bokermannohyla lucianae</i>		SD	
			<i>Dendropsophus anceps</i>	Perereca-zebra	SD	
			<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	Pererequinha	SD	
			<i>Dendropsophus branneri</i>	Pererequinha	ADA, AID e AII	
			<i>Dendropsophus decipiens/olivera</i>	Pererequinha	ADA, AID e AII	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Dendropsophus elegans</i>	Perereca-de-moldura	ADA, AID e AII	
			<i>Dendropsophus haddadi</i>	Pererequinha	ADA, AID e AII	
			<i>Dendropsophus giesleri</i>	Pererequinha	AII	
			<i>Dendropsophus minutus</i>	Pererequinha-do-brejo	ADA, AID e AII	
			<i>Dendropsophus novaisi</i>	Perereca	AII	
			<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	Perereca-verde	ADA, AID e AII	
			<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	Perereca-cabrinha	SD	
			<i>Hypsiboas atlanticus</i>	Perereca-verde	ADA, AID e AII	
			<i>Hypsiboas crepitans</i>	Perereca	ADA, AID e AII	
			<i>Hypsiboas exastis</i>	Perereca	SD	
			<i>Hypsiboas faber</i>	Sapo-martelo	ADA, AID e AII	
			<i>hypsiboas marginatus</i>	Perereca	AII	
			<i>Hypsiboas pombali</i>	Perereca-dormideira	AID e AII	
			<i>Hypsiboas semilineatus</i>	Perereca	AID e AII	
			<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	Perereca-castanhola	ADA, AID e AII	
			<i>Phasmahyla exilis</i>	Perereca-das-folhagens	SD	
			<i>Phasmahyla spectabilis</i>	Perereca-das-folhagens	SD	
			<i>Phyllodytes luteolus</i>	Pererequinha-de-bromélia	AID e AII	
			<i>Phyllodytes melanomystax</i>	Pererequinha-de-bigode	ADA, AID e AII	
			<i>Phyllodytes tuberculatus</i>	Pererequinha-de-bromélia	AII	
			<i>Phyllomedusa bahiana</i>	Perereca-verde-grande	SD	
			<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	Perereca-folha	ADA, AID e AII	
			<i>Phyllomedusa nordestina</i>	Perereca-das-folhagens	ADA, AID e AII	
			<i>Phyllomedusa hypochondrialis</i>	Perereca-das-folhagens	ADA, AID e AII	
			<i>Scinax agilis</i>	Perereca-de-bromélia	AII	
			<i>Scinax alter</i>	Perereca-do-litoral	AII	
			<i>Scinax argyreornatus</i>	Pererequinha	ADA, AID e AII	
			<i>Scinax cuspidatus</i>	Perereca	SD	
			<i>Scinax eurydice</i>	Perereca-de-banheiro	AID e AII	
			<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca-raspa-cuia	ADA, AID e AII	
			<i>Scinax juncae</i>	Perereca	SD	
			<i>Scinax pachycrus</i>	Perereca	SD	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
			<i>Scinax strigilatus</i>	Perereca	ADA e AID		
			<i>Scinax x-signatus</i>	Perereca-de-banheiro	ADA, AID e AII		
			<i>Sphaenorhynchus pauloalvini</i>	Pererequina-limão	AID e AII		
			<i>Sphaenorhynchus prasinus</i>	Pererequina-limão	AII		
			<i>Trachycephalus mesophaeus</i>	Perereca-de-capacete	ADA, AID e AII		
			Hylodidae	<i>Crossodactylus sp.</i>	Rãzinha-de-riacho	SD	
			Leiuperidae	<i>Physalaemus albifrons</i>	Rãzinha	ADA, AID e AII	
		<i>Physalaemus camacan</i>		Rãzinha	ADA, AID e AII		
		<i>Physalaemus cicada</i>		Rãzinha	SD		
		<i>Physalaemus cuvieri</i>		Rã-cachorro	SD		
		<i>Physalaemus erikae</i>		Rã-chorona	ADA, AID e AII		
			Leptodactylidae	<i>Physalaemus cf. Kroyeri</i>	Rã-chorona	AII	
		<i>Physalaemus sp.</i>			ADA, AID e AII		
		<i>Pleurodema diplolistris</i>		Rãzinha-de-areia	SD		
		<i>Pseudopaludicola sp.</i>			AII		
		<i>Leptodactylus fuscus</i>		Rã-assobiadeira	ADA, AID e AII		
		<i>Leptodactylus latrans</i>		Rã-manteiga	ADA, AID e AII		
		<i>Leptodactylus mystacinus</i>		Caçote	SD		
		<i>Leptodactylus mystaceus</i>		Caçote	ADA, AID e AII		
<i>Leptodactylus natalensis</i>	Caçote-borbulhante	ADA, AID e AII					
<i>Leptodactylus spixi</i>	Caçote	SD					
<i>Leptodactylus thomei</i>	Rãzinha-de-folhiço	AII					
<i>Leptodactylus vastus</i>	Rã-pimenta	AID					
<i>Leptodactylus viridis</i>	Caçote	SD					
	Microhylidae	<i>Chiasmocleis cordeiroi</i>	Rãzinha-da-mata	AII			
<i>Chiasmocleis crucis</i>		Rãzinha-da-mata	SD				
<i>Chiasmocleis gnoma</i>		Rãzinha-da-mata	SD				
<i>Chiasmocleis schubarti</i>		Rãzinha-da-mata	AII				
<i>Chiasmocleis sp.</i>		Rãzinha-da-mata	AID				
<i>Dermatonotus muelleri</i>			SD				
<i>Hyophryne histrio</i>			SD				
<i>Stereocyclops</i>		Rã-da-chuva	AID, AII				

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
			<i>incrassatus</i>				
		Pipidae	<i>Pipa carvalhoi</i>	Rã-d'água	AID		
	Gymnophiona	Caeciliidae	<i>Siphonops annulatus</i>	Cobra-cega	AID		
Répteis	Crocodylia	Alligatoridae	<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	Jacaré-anão	AID		
			<i>Caiman latirostris</i>	Jacaré-de-papo-amarelo	AII		
		Tetudines	Chelidae	<i>Acanthochelys cf. Radiolata</i>	Cágado-amarelo	AII	
		Squamata	Amphisbaenidae	<i>Amphisbaenia alba</i>	Cobra-de-duas-cabeças	SD	
				<i>Amphisbaenia nigricauda</i>	Cobra-de-duas-cabeças	SD	
			Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabouia</i>	Lagartixa-de-parede	AID, AII	
			Gymnophthalmidae	<i>Alexandresaurus camacan</i>		AII	
				<i>Cercosaura ocellata</i>		SD	
				<i>Ecleopus gaudichaudii</i>		SD	
				<i>Lepossoma cf. annectans</i>	Lagartinho-do-folhiço	AID, AII	
				<i>Lepossoma scincoides</i>		SD	
				<i>Micrablepharus maximiliani</i>		SD	
			Iguanidae	<i>Iguana iguana</i>	Iguana	AID	
		Leiosauridae	<i>Enyalius catenatus</i>	Papa-vento	ADA, AID e AII		
		Phyllodactylidae	<i>Bogertia lutzae</i>	Bibra-pintada	AID e AII		
			<i>Phyllopezus pollicaris</i>	Lagartixa	ADA		
			<i>Gymnodactylus darwinii</i>	Bibra-do-folhiço	AID e AII		
			Polychrotidae	<i>Anolis fuscoauratus</i>	Papa-vento-pequeno	ADA, AID e AII	
				<i>Anolis punctatus</i>	Papa-vento-verde	AII	
				<i>Polychrus marmoratus</i>	Calambião	AII	
			Scincidae	<i>Mabuya agilis</i>	Lagartixa	SD	
				<i>Mabuya macrorhyncha</i>	Lagartixa	SD	
				<i>Mabuya nigropunctata</i>	Lagartixa	AII	
			Sphaerodactylidae	<i>Coleodactylus meridionalis</i>	Bibrinha-mirim	ADA, AID e AII	
			Teiidae	<i>Ameiva ameiva</i>	Lagartixa	AID, AII	
				<i>Cnemidophorus abaetensis</i>	Lagartixa	SD	VU
				<i>Cnemidophorus nativo</i>	Lagartixa	SD	VU
				<i>Cnemidophorus ocellifer</i>	Lagartixa	SD	
				<i>Kentropyx calcarata</i>	Lagartixa	AII	
				<i>Tupinambis merinae</i>	Teiú	ADA, AID e AII	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
		Tropiduridae	<i>Strobilurus torquatus</i>	Lagartixa-do-rabo-espinhudo	All	
			<i>Tropidurus hygomi</i>	Lagartixa	SD	
			<i>Tropidurus hispidus</i>	Lagartixa	ADA e AID	
			<i>Tropidurus torquatus</i>	Lagartixa	All	
		Boidae	<i>Boa constrictor</i>	Jibóia	AID, All	
			<i>Correalus hortulanus</i>		SD	
			<i>Epicrates cenchria</i>	Salamanta-de-recife	All	
		Colubridae	<i>Chironius bicarinatus</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Chironius carinatus</i>	Cobra-cipó	ADA, AID e All	
			<i>Chironius exoletus</i>	Cobra-cipó	ADA e AID	
			<i>Chironius fuscus</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Chironius laevicolis</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Chironius flavolineatus</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Drymarchon corais</i>	Papa-pinto	SD	
			<i>Drymoluber dichrous</i>		SD	
			<i>Leptophis ahaetulla</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Spillotes pullatus</i>	Cainana	SD	
			Dipsadidae	<i>Erythrolamprus aesculapii</i>		SD
		<i>Imantodes cenchoa</i>		Dormideira	All	
		<i>Leptodeira annulata</i>			SD	
		<i>Liophis miliaris</i>		Cobra-d'água	AID	
		<i>Liophis reginae</i>			SD	
		<i>Liophis poecilogyrus</i>			SD	
		<i>Liophis taeniogaster</i>			SD	
			<i>Oxyrhopus formosus</i>	Coral	SD	
			<i>Oxyrhopus guibei</i>		SD	
			<i>Oxyrhopus petola</i>		AID	
			<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	Cobra-coral	SD	
			<i>Philodryas nattereri</i>	Cobra-cipó	SD	
			<i>Philodryas viridissima</i>	Cobra-verde	SD	
			<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-verde	AID	
			<i>Phimophis guerini</i>	Cobra-nariguda	SD	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
			<i>Pseudoboa nigra</i>	Muçurana	AII			
			<i>Sibynomorphus mikani</i>		SD			
			<i>Sibynomorphus neuwiedii</i>	Dormideira	SD			
			<i>Siphlophis compressus</i>		SD			
			<i>Siphlophis leucocephalus</i>		SD			
			<i>Siphlophis pulcher</i>		SD			
			<i>Thamnodynastes nattereri</i>	Jararaquinha	SD			
			<i>Tantilla melanocephala</i>	Cobra-da-terra	SD			
			<i>Xenopholis scalaris</i>	Jararaquinha	ADA e AII			
		Elapidae	<i>Micrurus sp.</i>	Coral	AID			
		Typhlopidae	<i>Typhlops bongersmianus</i>	Cobra-da-terra	AID, AII			
		Viperidae	<i>Bothrops leucurus</i>	Jararaca-de-rabo-branco	AII			
			<i>Bothrops pirajai</i>	Jararacuçu-tapete	AII	VU		
			<i>Lachesis muta</i>	Sururucu-pico-de-jaca	AID, AII			
Aves	Accipitriformes	Accipitridae	<i>Buteo albicaudatus</i>	Gavião-de-rabo-branco	AII			
			<i>Buteo albonotatus</i>	Gavião-de-rabo-barrado	ADA e AII			
			<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta	AII			
			<i>Chondrohierax uncinatus</i>	Caracoleiro	ADA e AID			
			<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira	AID e AII			
			<i>Gampsonyx swainsonii</i>	Gaviãozinho	AID			
			<i>Geranospiza caerulescens</i>	Gavião-pernilongo	ADA e AII			
			<i>Heterospizias meridionalis</i>	Gavião-cabloco	AID			
			<i>Ictinia plumbea</i>	Sovi	AII			
			<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-de-cabeça-cinza	AID, AII			
			<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó	ADA, AID e AII			
			<i>Urubitinga urubitinga</i>	Gavião-preto	ADA e AII			
			Anseriformes	Anatidae	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Pé-vermelho	ADA e AII	
	<i>Cairina moschata</i>	Pato-do-mato			AID e AII			
	<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	Pato-de-crista			ADA			
	<i>Dendrocygna viduata</i>	Marreco			AII			
		Anhimidae	<i>Anhima cornuta</i>	Anuma	SD			
			Apodiformes	Apodidae	<i>Chaetura meridionalis</i>	Andorinhão	AID, AII	
					<i>Panyptila</i>	Andorinhão-ofodor	AID	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
			<i>cayennensis</i>				
			<i>Tachornis squamata</i>	Tesourinha	All		
		Trochilidae	<i>Amazilia lactea</i>	Beija-flor-azul	All		
			<i>Amazilia versicolor</i>	Beija-flor-branco	ADA e All		
			<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-verde	ADA, AID e All		
			<i>Anthracothorax nigricollis</i>	Beija-flor-de-veste-preta	ADA, AID e All		
			<i>Aphantochora cirrochloris</i>	Beija-flor-cinza	ADA, AID e All		
			<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho	ADA, AID e All		
			<i>Chlorostilbon notatus</i>	Beija-flor-de-garganta-azul	ADA, AID e All		
			<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura	ADA, AID e All		
			<i>Florisuga fusca</i>	Beija-flor-preto	ADA, AID e All		
			<i>Glaucis dohrnii</i>	Balanço rabo canela	ADA e All	EP	
			<i>Glaucis hirsutus</i>	Balança-rabo-de-bico-torto	ADA, AID e All		
			<i>Heliothryx auritus</i>	Beija-flor-de-bochecha-azul	ADA e All		
			<i>Hylocharis cyanus</i>	Beija-flor-roxo	AID e All		
			<i>Hylocharis sapphirina</i>	Beija-flor-safira	ADA, AID e All		
			<i>Plaethornis petrei</i>	Rabo-branco-acanelado	ADA, AID e All		
			<i>Phaethornis ruber</i>	Rabo-branco-rubro	ADA, AID e All		
			<i>Thalurania furcata</i>	Beija-flor-tesoura	All		
			<i>Thalurania glaucopsis</i>	Beija-flor-violeta	ADA e All		
		Chathartiformes	Cathartidae	<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha	ADA, AID e All	
				<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-amarela	ADA, AID e All	
				<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta	ADA, AID e All	
		Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Hydropsalis albicollis</i>	Bacurau	ADA, AID e All	
				<i>Lurocallis semitorquatus</i>	Tuju	ADA e All	
			Nyctibiidae	<i>Nyctibius griseus</i>	Mãe-da-lua	AID e All	
		Charadriiformes	Charadriidae	<i>Charadrius collaris</i>	Batuíra-de-coleira	ADA e All	
				<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero	ADA, AID e All	
			Jacanidae	<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã	ADA e All	
			Scolopacidae	<i>Gallinago paraguaiae</i>	Narceja	All	
		Columbiformes	Columbidae	<i>Claravis pretiosa</i>	Pararu-azul	ADA	
				<i>Columbina picui</i>	Picuí	ADA e All	
<i>Columbina squammata</i>	Fogo-apagou			ADA, AID e All			

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa	ADA, AID e AII	
			<i>Geotrygon montana</i>	Pariri	ADA e AID	
			<i>Leptotila sp.</i>	Juriti	ADA e AID	
			<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti	ADA e AII	
			<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu	ADA, AID e AII	
			<i>Patagioenas cayaennensis</i>	Pomba-galega	ADA, AID e AII	
			<i>Patagioenas picazuro</i>	Pombão	ADA, AID e AII	
			<i>Patagioenas speciosa</i>	Pomba-trocal	ADA e AII	
			<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante	AII	
	Coraciformes	Alcedinidae	<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde	ADA e AII	
			<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno	AID e AII	
			<i>Chloroceryle inda</i>	Martim-pescador-da-mata	ADA e AII	
			<i>Megaceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande	ADA e AII	
	Cuculiformes	Cuculidae	<i>Coccyzus melacoryphus</i>	Papa-lagarta	ADA e AID	
			<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto	ADA, AID e AII	
			<i>Crotophaga major</i>	Anu-coroça	ADA e AII	
			<i>Dromococcyx pavoninus</i>	Peixe-frito-pavonino	AID	
			<i>Guira guira</i>	Anu-branco	ADA, AID e AII	
			<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato	ADA, AID e AII	
			<i>Tapera naevia</i>	Saci	ADA, AID e AII	
	Falconiformes	Falconidae	<i>Caracara plancus</i>	Caracará	ADA, AID e AII	
			<i>Falco femoralis</i>	Gavião-coleira	AII	
			<i>Falco ruficularis</i>	Cauré	AID e AII	
			<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri	ADA e AII	
			<i>Herpotheres cachinnans</i>	Acauã	ADA, AID e AII	
			<i>Mivalgo chimachima</i>	Carrapateiro	ADA, AID e AII	
	Galbuliformes	Bucconidae	<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	Urubuzinho	ADA e AII	
			<i>Malacoptila striata</i>	Barbudo-rajado	AII	
			<i>Monasa morphoeus</i>	Chora-chuva-de-cara-branca	AID e AII	
			<i>Nystalus maculatus</i>	Rapazinho-dos-velhos	AII	
		Galbulidae	<i>Galbula ruficauda</i>	Ariramba-de-cauda-ruiva	ADA, AID e AII	
	Galliformes	Cracidae	<i>Crax blumembachii</i>	Mutum-do-nordeste	AII	EP
			<i>Ortalis guttata</i>	Aracuã	ADA e AID	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
Gruiformes			<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba	AID e AII			
		Aramidae	<i>Aramus guaraúna</i>	Carão	AII			
		Rallidae	<i>Amaurolimnas concolor</i>	Saracura-lisa	AII			
			<i>Aramides cajanea</i>	Saracura	ADA e AII			
			<i>Gallinula chloropus</i>	Frango-d'água	AII			
			<i>Gallinula galeata</i>	Frango-d'água-comum	ADA e AII			
		Passeriformes			<i>Laterallus melanophaius</i>	Sanã-parda	ADA, AID e AII	
					<i>Laterallus viridis</i>	Sanã	AID e AII	
					<i>Pardirallus nigricans</i>	Saracura-castanha	AII	
<i>Porphyrio martinica</i>	Frango-d'água-azul				ADA, AID e AII			
<i>Porzana albicollis</i>	Sanã-carijó				ADA, AID e AII			
Heliornithidae			<i>Heliornis fulica</i>	Picaparra	AII			
Coerebidae			<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica	ADA, AID e AII			
Conopogidae			<i>Conophaga lineata</i>	Chupa-dente	AII			
			<i>Conophaga melanops</i>	Cuspidor	AII			
Cotingidae			<i>Lipaugus vociferans</i>	Cricrió	AII			
			<i>Xipholena atropurpurea</i>	Anambé-de-asa-branca	ADA	EP		
Dendrocolaptidae			<i>Dendrocincla turdina</i>	Arapaçu-liso	ADA e AID			
			<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu-grande	ADA, AID e AII			
			<i>Dendroplex picus</i>	Arapaçu-de-bico-branco	ADA, AID e AII			
			<i>Glyphorhynchus spirurus</i>	Arapaçu-de-bico-de-cunha	ADA, AID e AII			
			<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde	ADA, AID e AII			
			<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	Arapaçu	ADA, AID e AII			
			<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	Arapaçu-amarelo	ADA e AII			
Donacobiidae			<i>Donacobius atricapilla</i>	Japacanum	AID e AII			
Furnariidae			<i>Automolus leucophthalmus</i>	Barranquaeiro	AII			
		<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	Curutié	ADA, AID e AII				
		<i>Formicarius colma</i>	Galinha-do-mato	AII				
		<i>Furnarius figulus</i>	Casaca-de-couro-da-lama	ADA, AID e AII				
		<i>Furnarius leucopus</i>	Casaca-de-couro-amarela	AII				
		<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	ADA, AID e AII				
		<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	João-botinha-da-mata	ADA e AII				

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
			<i>Phacellodomus rufifrons</i>	João-de-pau	ADA, AID e AII			
			<i>Pseudoseisura cristata</i>	Graveteiro	ADA, AID e AII			
			<i>Synalaxis albescens</i>	Uí-pi	ADA e AID			
			<i>Synalaxis frontalis</i>	Petrim	ADA, AID e AII			
			<i>Synalaxis reficapilla</i>	Pichororé	AII			
			<i>Synalaxis spixii</i>	João-teneném	AII			
			<i>Xenops minutus</i>	Bico-virado-miúdo	ADA, AID e AII			
			<i>Xenops rutilans</i>	Bico-virado	ADA e AII			
		Hirundinidae	<i>Hirundo rustica</i>	Andorinha-de-bando	ADA e AII			
			<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa	ADA, AID e AII			
			<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-doméstica-grande	ADA e AII			
			<i>Progne tapera</i>	Andorinha-do-campo	ADA, AID e AII			
					<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora	ADA, AID e AII	
					<i>Tachycineta albiventer</i>	Andorinha-do-rio	ADA, AID e AII	
		Mimidae			<i>Mimus gilvus</i>	Sabiá-da-praia	ADA, AID e AII	
					<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo	ADA e AII	
		Motacillidae			<i>Anthus lutescens</i>	Caminheiro-zumbidor	AII	
		Thamnophilidae			<i>Drymophila squamata</i>	Pintadinho	AII	
					<i>Formicivora grisea</i>	Papa-formiga-pardo	ADA, AID e AII	
					<i>Herpsilochmus pileatus</i>	Chorozinho-de-boné	ADA, AID e AII	VU
					<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	Chorozinho	AII	
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	Chocão-carijó				AII			
<i>Myrmotherula axillares</i>	Choquinha-de-flanco-branco				ADA, AID e AII			
<i>Myrmotherula gularis</i>	Choquinha				AII			
<i>Pyriglena leucoptera</i>	Papa-taoca-do-sul				ADA, AID e AII			
<i>Taraba major</i>	Choró-boi				ADA e AII			
<i>Terenura maculata</i>	Zidedê				AII			
<i>Thamnophilus ambiguus</i>	Choca-de-sooretama				ADA, AID e AII			
<i>Thamnophilus palliatus</i>	Choca-listrada				ADA, AID e AII			
<i>Thamnophilus pelzeni</i>	Choca-do-planalto				AII			
Rhynchocyclidae						<i>Hemitriccus diops</i>	Olho-falso	AII
		<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha	AID e AII				
		<i>Phylloscartes sylviolus</i>	Maria-pequena	AII				

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
			<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio	ADA, AID e AII		
			<i>Todirostrum poliocephalus</i>	Teque-teque	AII		
			<i>Tolmomyias flaviventris</i>	Bico-chato-amarelo	ADA, AID e AII		
			<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	Bico-chato-de-orelha-preta	ADA, AID e AII		
		Tyrannidae	<i>Arundinicola leucocephala</i>	Freirinha	ADA e AII		
			<i>Attila rufus</i>	Caitão-de-saíra	ADA e AID		
			<i>Attila spadiceus</i>	Capitão-de-saíra-amarelo	ADA e AID		
			<i>Campsiempis flaveola</i>	Marianinha	ADA e AII		
			<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha	ADA, AID e AII		
			<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaracava-de-barriga-amarela	ADA, AID e AII		
			<i>Elaenia mesoleuca</i>	Tuque	ADA e AID		
			<i>Empidonomus varius</i>	Peitica	ADA, AID e AII		
			<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada	ADA, AID e AII		
			<i>Hirundinea ferruginea</i>	Gibão-de-couro	AID e AII		
			<i>Lathrotriccus euleri</i>	Enferrujado	AII		
			<i>Legatus leucophaeus</i>	Bem-te-vi-pirata	ADA, AID e AII		
				<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo	AII	
				<i>Macherynchus rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro	ADA, AID e AII	
				<i>Macherynchus pitangua</i>	Neinei	ADA, AID e AII	
				<i>Myiarchus sp.</i>	Maria-cavaleira	AID	
		<i>Myiarchus ferox</i>		Maria-cavaleira	ADA, AID e AII		
		<i>Myiarchus tuberculifer</i>		Maria-cavaleira-pequena	AII		
		<i>Myiarchus tyrannulus</i>		Maria-cavaleira-de-rabo	AII		
		<i>Myiodinastes maculatus</i>		Bem-te-vi-rajado	ADA		
		<i>Myiopagis caniceps</i>		Guaracava-cinzenta	AII		
		<i>Myiornis auriculais</i>		Miudinho	ADA, AID e AII		
		<i>Myiophobus fasciatus</i>		Felipe	ADA e AII		
		<i>Myiozetetes cayanensis</i>		Bentevizinho	ADA		
		<i>Myiozetetes similis</i>		Bentevizinho-de-penacho-vermelho	ADA, AID e AII		
		<i>Ornithion inerme</i>		Poiaeiro	AII		
		<i>Philohydor lictor</i>		Bentevizinho	AII		
		<i>Phyllomyias fasciatus</i>		Piolhinho	ADA e AII		

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
			<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	ADA, AID e AII		
			<i>Platyrichus mystaceus</i>	Patinho	AII		
			<i>Rhytipterna simplex</i>	Vissia	ADA, AID e AII		
			<i>Sirystes sibilator</i>	Gritador	AII		
			<i>Tyranniscus burmeisteri</i>	Piolhinho	AII		
			<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri	ADA, AID e AII		
			<i>Xolmis irupero</i>	Noivinha	AII		
		Pipridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará-dançarino	AII		
			<i>Chiroxiphia pareola</i>	Tangará-falso	AID, AII		
			<i>Dixiphia pipra</i>	Cabeça-branca	AII		
			<i>Ilicura militares</i>	Tangarazinho	AII		
			<i>Machaeropterus regulus</i>	Tangará-rajado	ADA, AID e AII		
			<i>Manacus manacus</i>	Rendeira	ADA, AID e AII		
			<i>Pipra rubrocapilla</i>	Cabeça-encarnada	ADA, AID e AII		
		Tityridae	<i>Laniocera hygopyrra</i>	Chorona	AII		
			<i>Myiobius barbatus</i>	Assanhadinho	ADA, AID e AII		
			<i>Pachyramphus marginatus</i>	Caneleiro	AII		
			<i>Pachyramphus polychopterus</i>	Caneleiro-preto	ADA, AID e AII		
			<i>Pachyramphus validus</i>	Caneleiro	AII		
			<i>Tityra cayana</i>	Anhambé	ADA, AID e AII		
			<i>Tityra inquisitor</i>	Anhambé-branco	AII		
		Vireonidae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	ADA, AID e AII		
			Troglodytidae	<i>Vireo olivaceus</i>	Juruviara	ADA, AID e AII	
				<i>Campylorhynchus turdinus</i>	Catatau	ADA, AID e AII	
				<i>Pheugopedius genibarbis</i>	Garrinção-pai-avô	ADA, AID e AII	
				<i>Troglodytes musculus</i>	Corruira	ADA, AID e AII	
			Poliopitidae	<i>Poliopitila plumbea</i>	Balança-rabo-de-chapéu-preto	ADA, AID e AII	
<i>Rhanphocaelus melanurus</i>	Bico-assovelado			ADA, AID e AII			
Turdidae	<i>Turdus albicollis</i>		Sabiá-coleira	AII			
	<i>Turdus amaurochalinus</i>		Sabiá-poca	AII			
	<i>Turdus flavipes</i>		Sabiá-uma	AII			
	<i>Turdus fumigatus</i>		Sabiá-da-mata	AII			
	<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-barranco	ADA, AID e AII				

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira	ADA, AID e AII	
		Thraupidae	<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha-de-rabo-castanho	AII	
			<i>Chlorophanes spiza</i>	Saí-verde	ADA, AID e AII	
			<i>Cyanerpes cyaneus</i>	Saíra-beija-flor	AII	
			<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul	ADA, AID e AII	
			<i>Habia rubica</i>	Tiê-do-mato-grosso	AII	
			<i>Hemithraupis flacollis</i>	Saira-galera	AII	
			<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-do-chapéu-preto	ADA, AID e AII	
			<i>Paroaria dominicana</i>	Cardeal-do-nordeste	ADA, AID e AII	
			<i>Rhamphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue	ADA, AID e AII	
			<i>Saltator maximus</i>	Tempera-viola	ADA, AID e AII	
			<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro	AII	
			<i>Tachyphonus cristatus</i>	Tiê-galo	AII	
			<i>Tachyphonus rufus</i>	Pipira-preta	ADA, AID e AII	
			<i>Tangara brasiliensis</i>	Cambada-de-chaves	AII	
			<i>Tangara cayana</i>	Saíra-amarela	ADA, AID e AII	
			<i>Tangara cyanomelaena</i>	Saíra-pérola	ADA e AID	
			<i>Tangara palmarum</i>	Sanhaçu-do-coqueiro	ADA, AID e AII	
			<i>Tangara sayaca</i>	Sanhaçu-cinzento	ADA, AID e AII	
			<i>Tangara seledon</i>	Saíra-sete-cores	ADA, AID e AII	
			<i>Tangara velia (cyanomelaena)</i>	Saí-andorinha	ADA e AII	
		<i>Thlypopsis sordida</i>	Saí-canário	ADA		
		<i>Tersinia viridis</i>	Saí-diamante	AII		
		Emberizidae	<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-do-campo	ADA, AID e AII	
			<i>Arremon taciturnus</i>	Tico-tico-do-bico-preto	ADA e AII	
			<i>Emberizoides herbicola</i>	Canário-do-campo	ADA, AID e AII	
			<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra-verdadeiro	ADA, AID e AII	
			<i>Sporophila ardesiaca</i>	Papa-capim-de-costas-cinzas	AID	
			<i>Sporophila angolensis</i>	Curió	AII	
			<i>Sporophila bouvreuil</i>	Caboclinho	ADA e AII	
			<i>Sporophila nigricolis</i>	Baiano	ADA, AID e AII	
			<i>Sporophila leucoptera</i>	Chorão	ADA, AID e AII	
			<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu	ADA, AID e AII	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação	
			<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico	All		
		Cardinalidae	<i>Cyanoloxia brissonii</i>	Azulão	ADA		
		Parulidae	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra	ADA, AID e All		
			<i>Parula pitiayumi</i>	Mariquita	ADA, AID e All		
		Icteridae	<i>Cacicus cela</i>	Xexéu	ADA, AID e All		
			<i>Cacicus haemorrhous</i>	Guaxe	ADA, AID e All		
			<i>Chrysomus ruficapilla</i>	Garibaldi	All		
			<i>Gnorimopsar chopi</i>	Graúna	ADA, AID e All		
			<i>Icterus cayannensis</i>	Encontro	ADA e All		
			<i>Icterus jamacaii</i>	Currupião	ADA, AID e All		
			<i>Icterus pyrrhopterus</i>	Encontro	AID		
			<i>Molothrus bonariensis</i>	Vira-bosta	ADA, AID e All		
			<i>Sturnella superciliaris</i>	Polícia-inglesa-do-sul	All		
			Fringillidae	<i>Chlorophonia cyanea</i>	Bandeirinha	All	
				<i>Euphonia chlorotica</i>	Fim-fim	ADA, AID e All	
		<i>Euphonia pectoralis</i>		Ferro-velho	All		
		<i>Euphonia violacea</i>		Gaturamo-verdadeiro	ADA, AID e All		
		<i>Euphonia xanthogaster</i>		Fim-fim-grande	ADA, AID e All		
		Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	ADA e All		
		Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	Pardal	ADA e All		
	Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Ardea alba</i>	Garça-branca-grande	ADA, AID e All		
				<i>Botaurus pinnatus</i>	Socó	All	
				<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira	ADA, AID e All	
				<i>Butorides striata</i>	Socó	ADA e All	
				<i>Egretta caerulea</i>	Garça-azul	ADA e All	
				<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena	ADA e All	
				<i>Nyctanassa violacea</i>	Savacu	All	
				<i>Nycticorax nycticorax</i>	Savacu	All	
				<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi	ADA e All	
	Piciformes	Rhamphastidae	<i>Pteroglossus aracari</i>	Araçari-de-bico-branco	ADA, AID e All		
				<i>Ramphastos vitellinus</i>	Tucano-de-bico-preto	ADA, AID e All	
		Picidae	<i>Campephilus melanoleucos</i>	Pica-pau-de-topete-vermelho	ADA e AID		
			<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	ADA, AID e All		

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Celeus flavescens</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela	ADA, AID e AII	
			<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado	ADA, AID e AII	
			<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca	ADA, AID e AII	
			<i>Melanerpes candidus</i>	Birro, pica-pau-branco	ADA, AID e AII	
			<i>Melanerpes flavifrons</i>	Pica-pau	ADA, AID e AII	
			<i>Piculus flavigula</i>	Pica-pau-bufador	ADA e AII	
			<i>Picumnus cirratus</i>	Pica-pau-anão	AII	
			<i>Picumnus exilis</i>	Pica-pau-anão-pinta-amarela	ADA e AII	
			<i>Picumnus pygmaeus</i>	Pica-pau-anão	ADA e AID	
			<i>Veniliornis affinis</i>	Pica-pau	ADA e AII	
			<i>Veniliornis maculifrons</i>	Picapauzinho	ADA e AII	
			<i>Veniliornis sp.</i>	Picapauzinho	AID	
			<i>Veniliornis passerinus</i>	Picapauzinho-anão	ADA e AII	
			Podicipediformes	Podicipedidae	<i>Podilymbus podiceps</i>	Mergulhão
			<i>Tachybaptus dominicus</i>	Marrequinho	AID	
	Psittaciformes	Psittacidae	<i>Aratinga aurea</i>	Periquito-rei	ADA, AID e AII	
			<i>Aratinga auricapillus</i>	Jandaia	AII	
			<i>Brotogeris tirica</i>	Periquito-rico	ADA, AID e AII	
			<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim	ADA, AID e AII	
			<i>Pionopsita pileata</i>	Cuiu-cuiu	AII	
			<i>Primolius maracana</i>	Maracanã	AII	
			<i>Pyrrhura leucotis</i>	Tiriba-de-orelha-branca	ADA, AID e AII	VU
	Suliformes	Fregatidae	<i>Fregata magnificens</i>	Tesourão	ADA	
	Strigiformes	Tytonidae	<i>Tyto alba</i>	Suindara	AII	
		Strigidae	<i>Athene cunicularia</i>	Buraqueira	AII	
			<i>Ciccaba virgata</i>	Coruja-do-mato	AII	
			<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburé	ADA, AID e AII	
			<i>Glaucidium minutissimum</i>	Caburé-miudunho	AID	
			<i>Megascops choliba</i>	Corujinha	AII	
			<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	Murucututu	ADA e AII	
			<i>Pulsatrix perspicillata</i>	Murucututu	AID	
			<i>Strix huhula</i>	Coruja-preta	ADA	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação		
	Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus obsoletus</i>	Inhambu-guaçu	AID e AII			
			<i>Crypturellus parvirostris</i>	Inhambu-chororó	ADA, AID e AII			
			<i>Crypturellus soui</i>	Tururim	AII			
			<i>Crypturellus tataupa</i>	Inhambu-chintã	AII			
			<i>Crypturellus variegatus</i>	Inhambu	AII			
			<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz	AID			
			<i>Tinamus solitarius</i>	Macuco	AII			
			Trogoniformes	Trogonidae	<i>Trogon surrucura</i>	Surucuá-variado	ADA e AII	
					<i>Trogon viridis</i>	Surucuá-grande-de-barriga-amarela	ADA, AID e AII	
			Artiodactyla	Cervidae	<i>Mazama sp.</i>	Veado	AID e AII	
Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i>	Caititu		AID e AII				
Mamíferos	Carnivora	Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	ADA, AID e AII			
			Felidae	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaritica	ADA e AID	VU	
		<i>Leopardus wiedii</i>		Gato-maracajá	SD	VU		
		<i>Leopardus tigrinus</i>		Gato-do-mato	SD	VU		
		<i>Puma concolor</i>		Onça sussuarana	ADA	VU		
		Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	Irara	AII			
			<i>Galictis cuja</i>	Furão	AID			
			<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	SD			
		Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	Quati	AID			
			<i>Potos flavus</i>	Jupará	SD			
	<i>Procyon cancrivorus</i>		Mão-pelada	ADA, AID e AII				
	Chiroptera	Emballonuridae	<i>Peropteryx macrotis</i>	Morcego	SD			
			<i>Rynchonycteris naso</i>	Morcego	SD			
			<i>Saccopteryx bilineata</i>	Morcego	AID			
		Molossidae	<i>Molossus molossus</i>	Morcego	SD			
			<i>Molossus rufus</i>	Morcego	SD			
		Noctilionidae	<i>Noctilio leporinus</i>	Morcego	SD			
		Phyllostomidae	<i>Anoura caudifer</i>	Morcego	ADA e AID			
			<i>Artibeus cinereus</i>	Morcego	ADA e AID			
			<i>Artibeus fimbriatus</i>	Morcego	ADA e AID			
<i>Artibeus gnomus</i>			Morcego	SD				
<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego		ADA e AID					
<i>Artibeus obscurus</i>	Morcego	ADA e AID						

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Artibeus planirostris</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Carollia brevicauda</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Carollia castanea</i>	Morcego	AID	
			<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Chiroderma vilosum</i>	Morcego	SD	
			<i>Choeroniscus minor</i>	Morcego	AID	
			<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro	ADA e AID	
			<i>Diaemus youngi</i>	Morcego	SD	
			<i>Eptesicus brasiliensis</i>	Morcego	SD	
			<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego	AID	
			<i>Lanchorhina aurita</i>	Morcego	SD	
			<i>Lichonycteris obscura</i>	Morcego	SD	
			<i>Lionycteris spurrelli</i>	Morcego	SD	
			<i>Lonchophylla mordax</i>	Morcego	SD	
			<i>Mimon benettii</i>	Morcego	SD	
			<i>Mimon crenulatum</i>	Morcego	SD	
			<i>Mycronycteris hirsuta</i>	Morcego	AID	
			<i>Mycronycteris microtis</i>	Morcego	SD	
			<i>Mycronycteris minuta</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Mycronycteris schmidtorum</i>	Morcego	SD	
			<i>Phylloderma stenops</i>	Morcego	AID	
			<i>Phyllostomus discolor</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Phyllostomus elongatus</i>	Morcego	SD	
			<i>Phyllostomus hastatus</i>	Morcego	AID	
			<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Platyrrhinus recifinus</i>	Morcego	SD	
			<i>Rhinophylla pumilio</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Rhogeessa hussoni</i>	Morcego	AID	
			<i>Sturnira lilium</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Sturnira tildae</i>	Morcego	SD	
			<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego	AID	
			<i>Trinycteris nicefori</i>	Morcego	AID	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Uroderma bilobatum</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Vampyressa pusilla</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Vampyressa thyone</i>	Morcego	ADA e AID	
		Thyropteridae	<i>Thyroptera tricolor</i>	Morcego	SD	
		Vespertilionidae	<i>Eptesicus brasiliensis</i>	Morcego	ADA e AID	
			<i>Myotis nigricans</i>	Morcego	SD	
	Cingulata	Dasypodidae	<i>Cabossous sp.</i>	Tatu-rabo-de-sola	AID	
			<i>Dasyus novemcinctus</i>	Tatu-verdadeiro	ADA, AID e AII	
			<i>Dasyus septemcinctus</i>	Tatuí	SD	
			<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	ADA, AID e AII	
	Didelmorpha	Didelphidae	<i>Cryptonanus agricolai</i>	Catita, quaiquica	AID	
			<i>Cryptonanus sp.</i>	Catita	ADA	
			<i>Didelphis albiventris</i>	Sariguê, saruê	ADA e AID	
			<i>Didelphis aurita</i>	Sariguê, saruê	AID e AII	
			<i>Gracilinanus (agilis) microtarsus</i>	Catita	AID e AII	
			<i>Marmosa murina</i>	Cuíca, marmosa	ADA e AID	
			<i>Marmosa sp.</i>	Cuíca	AID	
			<i>Marmosops incanus</i>	Cuíca, quaiquica	AID	
			<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Cuíca de quatro olhos, jupati	AII	
			<i>Micoureus demerarae</i>	Cuíca	SD	
			<i>Micoureus paraguayanus</i>	Catita	AII	
			<i>Philander frenatus</i>	Cuíca de quatro olhos, cuíca verdadeira	SD	
	Pilosa	Bradypodidae	<i>Bradypus torquatus</i>	Preguiça-de-coleira	ADA	
			<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça-comum	AID	
		Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá- mirim	ADA e AID	
	Primates	Callitrichidae	<i>Callithrix jacchus</i>	Sagüi-de-tufos-brancos	AID	
			<i>Callithrix kuhlii</i>	Sagüi-de-cara-suja	ADA, AID e AII	
			<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	Mico-leão-da-cara-dourada	AII	EP
		Cebidae	<i>Cebus xanthosternos</i>	Macaco-prego-do-peito-amarelo	AID, AII	CR
	Rodentia	Cavidae	<i>Cavia porcellus</i>	Préa	SD	
		Cricetidae	<i>Cricetidae (espécie não identificada)</i>	Rato	AII	
			<i>Akodon cursor</i>	Rato	ADA e AID	

Grupo	Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Área de ocorrência	Status de Conservação
			<i>Cerradomys (subflavus) vivoi</i>	Rato	ADA e AID	
			<i>Hylaemys laticeps</i>	Rato	AID	
			<i>Nectomys squamipes</i>	Rato	SD	
			<i>Oecomys bicolor</i>	Rato-do-mato	AID	
			<i>Oligoryzomys flavescens</i>	Rato-do-mato	SD	
			<i>Oligoryzomys nigripes</i>	Rato-do-mato	SD	
			<i>Oligoryzomys sp.</i>	Rato-do-mato	AID	
			<i>Orizomine sp.</i>	Rato-do-mato	SD	
			<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	Rato-do-mato-focinhudo	SD	
			<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Rato	AID	
			<i>Thaptomys nigrita</i>	Rato	AID	
			<i>Trinomys sp.</i>	Rato-de-espinho	AII	
		Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca	ADA e AID	
		Dasyproctidae	<i>Dasyprocta aguti</i>	Cutia	ADA, AID e AII	
		Echimyidae	<i>Challistomys pictus</i>	Saruê-bejú, rato-do-cacau	AID, AII	VU
		Erethizontidae	<i>Chaetomys subspinosus</i>	Ouriço-preto	ADA, AID e AII	VU
			<i>Sphiggurus insidiosus</i>	Ouriço-cacheiro	ADA, AID e AII	
		Hidrochaeridae	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	ADA, AID e AII	
		Muridae	<i>Mus musculus</i>	Camundongo	AII	EXO
			<i>Rattus norvegicus</i>	Rato-de-telhado	ADA, AII	EXO
			<i>Rattus rattus</i>	Rato-de-esgoto	AID	EXO
		Sciuridae	<i>Guerlinguetus ingrani</i>	Quebra-coco	AII	

Anexo 2 – Lista de material que será utilizado durante a execução do PRAFT

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna	
EPI	Material
	Capacete
	Perneira
	Calçado de borracha
	Luva de pano
	Luva de raspa de couro
	Óculos de proteção
	Protetor Auricular
	Protetor Solar FPS 50
	Repelente
	Colete sinalizador
	Apito
	Fardamento
Calça de brim (verde)	
Colete para Responsável Técnico personalizado	
Equipamentos e Material de campo	Tenda (toldo com proteções laterais)
	Banquetas de campo
	Mesa retrátil de campo
	Pranchetas de campo
	Fita zebrada
	Ancinho
	Carro de mão
	Cavador articulado
	Enxada
	Facão 18"
	Pá de bico
	Rastelo
	Enxadeta
	Picareta
	Sacos plásticos transparentes (pact 100 und)
	Papel Ofício (resma)
	Caixa marcados permanente na cor preta
	Caixa de lápis com borracha
Caixa de caneta preta	

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

	Trena 5m
	Trena 30 m
	Rossadeira Sthiil
	Motosserra Sthill
	Gasolina (litro)
	Óleo 2t (litro)
Materiais de Captura e Acondicionamento da Fauna	Pinça grande (40cm)
	Pinça pequena (15cm)
	Pote plástico 250 mL
	Pote plástico 500 mL
	Pote plástico 1000 mL
	Puçá pequeno (tipo para peixe de aquário)
	Saco plástico transparente
	Caixa organizadora Sanremo tamanho pequeno
	Caixa organizadora Sanremo tamanho médio
	Caixa organizadora Sanremo tamanho grande
	Pinção herpetológico
	Gancho herpetológico
	Kit tubular para imobilização de serpente
	Saco de pano tamanho médio (cor clara)
	Saco de pano tamanho grande (cor clara)
	Laço com cambão
	Puçá para aves malha pequena
	Puçá para aves malha grande
	Gaiola grande
	Caixa de madeira pequena
	Caixa de madeira média
	Caixa de madeira grande
	Caixa de madeira extra grande
	Caixa Butantã
	Caixa tipo biotério
	Garrafa de água para caixa tipo biotério
	Puçá para mamíferos
	Caixa de transporte de animais domésticos média
	Rolo 100m de lona plástica preta (largura de 8m)
	Caixa de grampo Rocama
Grampeador Rocama	

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

	Balde de 65 litros
	Placa de isopor de 2cm de espessura
	Espuma de baixa densidade (metro)
	Fitalho (rolo)
	Tesoura grande
	Furadeira
	Broca de 2mm
	Podão para corte de galho à altura
	Escada retrátil de alumínio
	Potes de água para pet
	Vassoura de fogo
	Botijão gás
	Germen-kill (litro)
	Tinta branca a prova d'água atóxica
	Pincel
	Classificador
	Cadernos capa dura pequeno
	Tiner (litro)
	Pedra de amolar
	Caixa-abrigo abelhas
	Fumegador
	Roupa de proteção contra abelhas
	Botas brancas
	Luvas brancas de couro e brim
Equipamento para Vistoria Noturna e Diurna da Fauna	Lanterna MagLight 3d-led
	Lanterna de cabeça
	Binóculos Waterproof 8 X 42 ou 10X 42
	Roupa amphibia
	Bota Galocha
	Bateria alcalina tamanho D
	Bateria alcalina tamanho AA
	Bateria alcalina tamanho AAA
Equipamento de Registro	Máquina fotográfica Digital Cannon SX40 HS
	GPS Garmin
Transporte de Fauna	Carreta para transporte de fauna
	Cobertura de carreta
	Quadriciclo 4x4 Honda

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

	Veículo Pick-up 4x4
	Gasolina (litro)
	Equipo de reboque para o quadriciclo
	Espuma de alta densidade (metro)
Biometria e Marcação de Animais	Caderno de biometria
	Paquímetro digital
	Elastômero Kit
	Pesola menor calibre (10 ou 20g)
	Pesola 100 g
	Pesola 300 g
	Pesola 600 g
	Pesola 1e 5 kg
	Régua milimetrada Inox
	Régua milimetrada e dobrada na ponta para aves 150mm
	Régua milimetrada e dobrada na ponta para aves 300mm
	Fita métrica
	Anilhas alfa-numéricas de mesmo tamanho
	Coleira tie-pie plástica
	Brincos de inox numerados
	Sexador
	Anilhas - Cemave
	Anilhas coloridas
	Alicate de inclusão de anilha
	Alicate de extração de anilha
	Aplicador de anilha plástica
	Maleta organizadora para as anilhas
	Radio-colar
	Transmissor
	Antena
	Leitor de Microchip Trovan
Microchip - Caixa com 100 und	
Luz negra	
Equipamento e Utensílios do CETAS	auto clave
	colchões térmicos
	mesa cirúrgica
	aparelho de anestesia inalatória
	oxímetro de pulso

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

foco cirúrgico
mesa de instrumental
balança veterinária
balança de alta precisão
mesa de fluidoterapia com escoamento de fluidos
carro para curativos
suportes de soro
mesa para auto clave
cilindro de oxigênio grande
bomba de infusão Mindray
doppler vascular veterinário
desfibrilador DX 10 Plus
incubadora automática
incubadora prática
monitor multiparâmetros
termômetros flexíveis
armários vitrine MDF grande
aparador de cirurgia
módulos canil aço inox
gaiola de contenção para felinos
gatil inox
macas
mesas para equipamentos
traquéias para aparelho de anestesia
circuitos baraka
cambões inoxidáveis
laringoscópio
estetoscópio
glicosímetro
ambu (reanimador manual)
balão de reinalação 1 litro
balão de reinalação 2 litros
balão de reinalação 3 litros
balão de reinalação 500 mL
cal sodada
manguito veterinário n° 1
manguito veterinário n° 2

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

manguito veterinário n°3
manguito veterinário n°4
manguito veterinário n° 5
máscara para anestesia pequena
máscara para anestesia média
máscara para anestesia grande
sondas endotraqueais 2,0mm
sondas endotraqueais 2,5mm
sondas endotraqueais 3,0mm
sondas endotraqueais 3,5mm
sondas endotraqueais 4,0mm
sondas endotraqueais 4,5mm
sondas endotraqueais 5,0mm
sondas endotraqueais 5,5mm
sondas endotraqueais 6,0mm
sondas endotraqueais 6,5mm
sondas endotraqueais 7,0mm
sondas endotraqueais 7,5mm
sondas endotraqueais 8,0mm
sondas endotraqueais 8,5mm
sondas endotraqueais 9,0mm
sondas endotraqueais 9,5mm
sondas endotraqueais 10mm
jogo de colar para aves
jogo de abrir bico
sonda para alimentação de aves 2,0mm
sonda para alimentação de aves 2,7mm
sonda para alimentação de répteis
tala rápida universal para aves com recortes
tambores para gaze
porta algodões
estojos inox 36x16x0,8cm
cuba rim
cuba luminox
cabo de bisturi n°4
afastador Farabeuf (par) pequeno
afastador Farabeuf (par) grande

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

pinça Allis (par) pequeno
pinça Allis (par) grande
pinça anatômica de dissecação pequena
pinça anatômica de dissecação grande
pinça Adson pequena
pinça Adson grande
pinças Backhaus pequena
pinças Backhaus grande
pinça dente de rato pequena
pinça dente de rato grande
pinças Hausted (Mosquito) retas 12cm
pinças Hausted (Mosquito) curvas 12cm
pinças hemostáticas Kelly retas pequeno
pinças hemostáticas Kelly retas grande
pinças hemostáticas Kelly curvas pequeno
pinças hemostáticas Kelly curvas grande
pinças hemostáticas Rochester curvas pequeno
pinças hemostáticas Rochester curvas grande
pinças hemostáticas Rochester retas pequeno
pinças hemostáticas Rochester retas grande
porta agulha Mayo Hegar com tesoura grande
porta agulha Mayo Hegar com tesoura pequeno
tesoura cirúrgica pequena
tesoura cirúrgica grande
tesoura iris pequena
tesoura iris grande
tesoura lister pequena
tesoura lister grande
tesoura Mayo Stille pequena
tesoura Mayo Stille grande
tesoura Metzemaum pequena
tesoura Metzemaum grande
tesoura Spencer p/ retirar pontos pequena
pinça de antissepsia Forster pequena
pinça de antissepsia Forster grande
afastador de Wolkman pequena
goiva pequena

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

furadeira autoclavável veterinária
pinças de redução espanhola pequena
pinças de redução auto centrante pequena
fio para cerclagem 0,6mm
pinos de Schanz 1,0mm
pinos de Schanz 1,5mm
pinos de Schanz 2,5mm
pinos de Schanz 2,0mm
pinos de Schanz 3,0mm
pinos de Schanz 3,5mm
pinos de Schanz 4,0mm
resina acrílica Vipflash Líquida 1 litro
resina acrílica Vipflash pó 1kg
rifle de dardo tranquilizante
rede de corda de 5m ²
máquina de tricotomia
autoclave
Mesa de atendimento
Compressas
Bancada para procedimentos
Armário de aço
Estante de aço
Bancada de 4m
Bancada de 3m
Mesa de Estudo
Cadeira
Geladeira
Freezer horizontal
Ar-condicionado de 12.000 btus
Coletor Universal
Termômetro digital
Balança de suspensão pesola de 1 kg
Balança de suspensão pesola de 10 kg
Balança de suspensão pesola de 500 kg
Pia de inox com duas cubas fundas
Caixa de isopor 50 litros
Lixeira grande

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

<p>Material de procedimentos Médicos-veterinários e medicamentos</p>	Enrofloxacina (Flotril 2,5%) injetável
	Flunixin meglumina (Banamine pet) injetável
	Ketofen 15 injetável
	Pomada Ganadol
	Quetamina
	Glicose
	Potenay injetável
	Azium injetável
	Algodão
	Mercepton injetável
	Estanca sangue líquido
	Terra cortril spray
	maxican 2% de 50mL
	Flunamine de 50mL
	maxican 0,2% de 50mL
	bionew de 100mL
	ornitil de 100mL
	tribrissen de 15mL
	kinetomax de 50mL
	ioimbina a 10% de 50mL
	terramicina de 50mL
	vitamina K de 20mL
	vitamina C de 20mL
	catosal B12 de 20mL
	cetamina de 10mL
	xilazina de 10mL
	zoletil
	acepran 1%
	acepran 0,2%
	caixa lidocaína sem vaso constritor
	caixa lidocaína com vaso constritor
	viviram de 20mL
	caixa de glicose a 50%
	caixa de glicose a 25%
	caixa de flumazenil 0,1mg
	caixa de narkan 0,4mg
	caixa de epinefrina

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

caixa de atropina 0,25mg
caixa de dopamina 5mg
caixas de transamin
caixa de ranitidina 25mg
caixa de metoclopramida 10mg
caixa de dexametasona
caixa de prometazina 25mg
caixas de diazepam 5mg
caixas de midazolam 5mg
caixas de propofol
isoflurano 100mL
caixa de cefalotina
caixas de morfina 10mg
caixas de morfina 1mg
caixas de tramal 50mg
caixas de meperidina 50mg
caixas de seringas de 1mL
caixas de seringas de 0,3mL
caixas de seringas de 0,5mL
caixas de seringas de 20mL
caixas de seringas de 3mL
caixas de seringas de 5mL
caixas de seringas de 10mL
caixas de seringas de 20mL
caixas de fio vicryl 3-0
caixas de fio de náilon 3-0
caixas de fio de náilon 2-0
caixas de fio de náilon 0
caixas de fio de náilon 1
caixas de fio de náilon 2
equipos macrogotas com ejetor lateral
equipos microgotas com ejetor lateral
torneiras de 3 vias
caixas de cateter 20G
caixas de cateter 18G
caixas de cateter 22G
caixas de cateter 24G

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

	caixas agulha 30x8
	caixas agulha 40x12
	caixas solução fisiológica de 500mL
	caixas solução fisiológica de 250mL
	caixas solução Ringer com Lactato 500mL
	caixas solução Ringer com Lactato 250mL
	caixas lâmina de bisturi nº 22
	pacotes avental cirúrgico descartável
	caixas máscara cirúrgica
	pacotes gorro cirúrgico
	caixa Fortemil 500ml
	pacotes papel toalha
	caixas luvas de procedimento G
	caixas luvas de procedimento PP
	luvas cirúrgica estéril 8
	luvas cirúrgica estéril 6,5
	pacotes de gaze com 500
	rolos de esparadrapo 10cm
	pacotes de atadura 10cm
	pacotes de atadura 15cm
	pacotes de atadura 30cm
	rolos de algodão 500g
	caixa conjunto escova-esponja iodopovidona 100mg/ml
	álcool 70%
	éter
	iodopovidine tópico
	álcool iodado
	clorexidine 2% degermante
	desinfetante veterinário Vet+
	caixas coletora de materia perfuro cortante de 20 litros
	Formol (litros)
Equipamento e Utensilios do Alojamento	Beliche
	Colchão de solteiro
	Guarda-roupa
	Mesa de estudo
	Cadeira de estudo
	Fogão

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

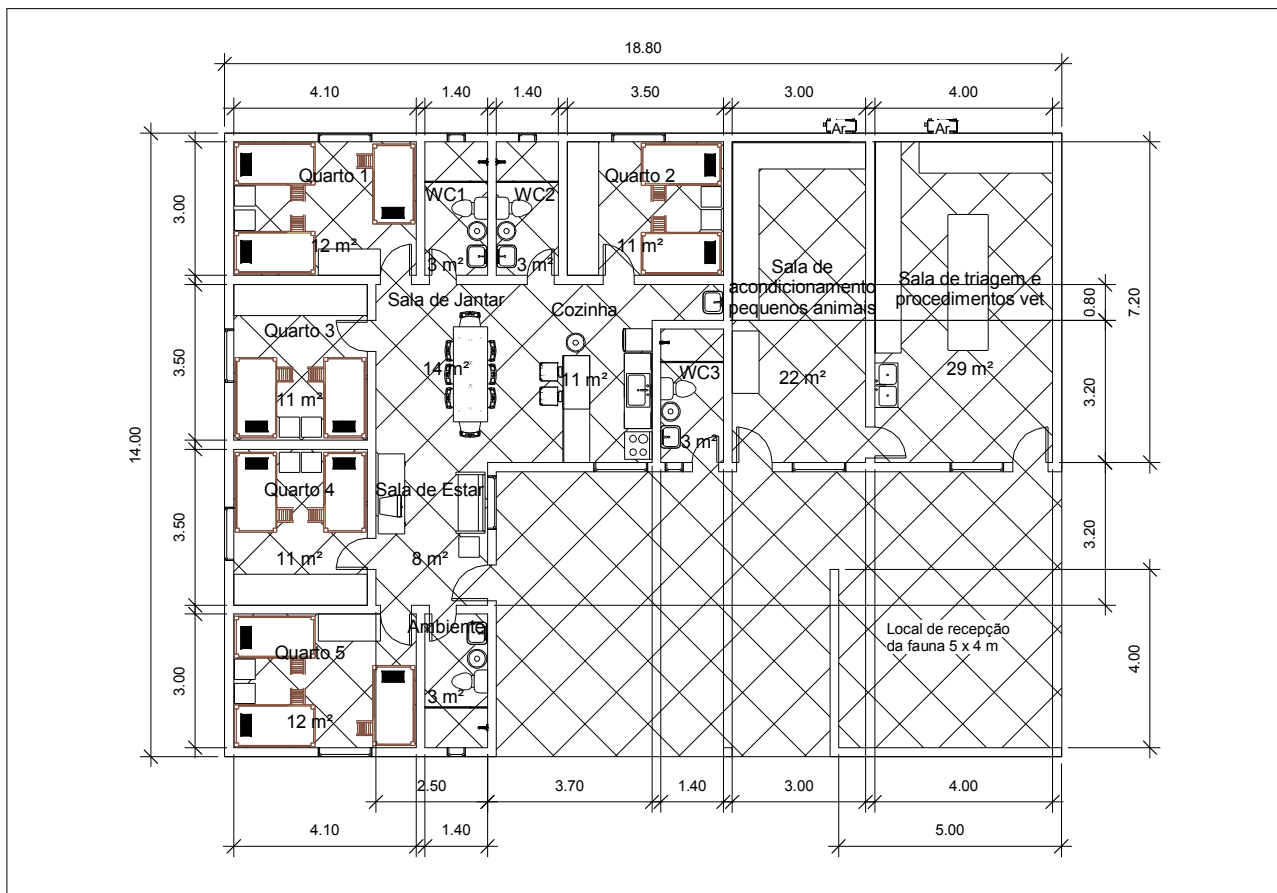
Bujão de gás
Equipo e mangueira de gás
Geladeira
Armário de cozinha
Bancada de 3m
Sofá-cama
Televisão
Mesa de Jantar
Cadeiras
Panela de Pressão
Panelas
Frigideira
Leiteira
Copos
Concha de Feijão
Talheres (jogos com 6)
Espatula
Pratos
Escorredor de Arroz
Escorredor de Louça
Assadeira
Travessa
Abridor de Garrafa e Lata
Tupperware
Filtro de Café de papel (caixa)
Garrafa de café
Jarra de Água
Pano de Prato
Tesoura grande
Tábua de Carne
Microondas
Liquidificador
Facas
Escumadeira
Colher de pau
Pinça de macarrão
Porta sabão

Lista de Material - Resgate e Afugentamento da Fauna

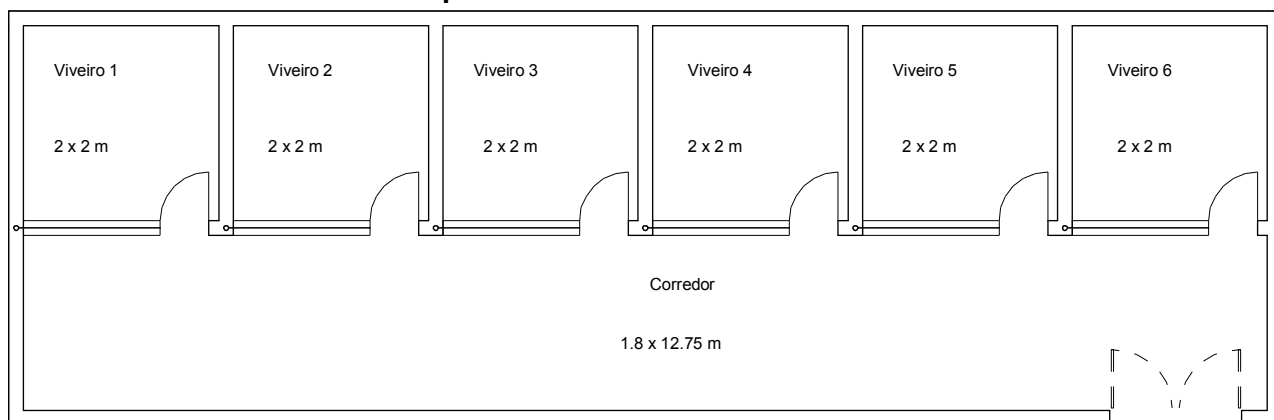
	Porta talheres
	Tapete de cozinha e banheiro
	Toalha de rosto
	Papel higiênico (pacote de 8)
	Desinfetante
	Detergente
	Espanja de Aço (pacote)
	Água Sanitária
	Sabão em Pó
	Amaciante
	Prendedor de roupa (pacote)
	Escova para vaso sanitário
	Assento sanitário
	Desodorizador sanitário
	Corda de varal (30 metros)
	Sabão em pedra (pacote)
	Bucha de cozinha (pacote com 2 unid.)
	Tolha de Mesa
	Impressora/Scanner
	Computador
	Lixeira
	Vassoura
	Rodo
	Balde
	Pano de Chão
	Faxineira de segunda a sexta
Alimentação da Equipe	Café da manhã
	Almoço
	Jantar
	Água (litros)

Anexo 3 – Plantas do CETAS, Alojamento e Recintos Externos

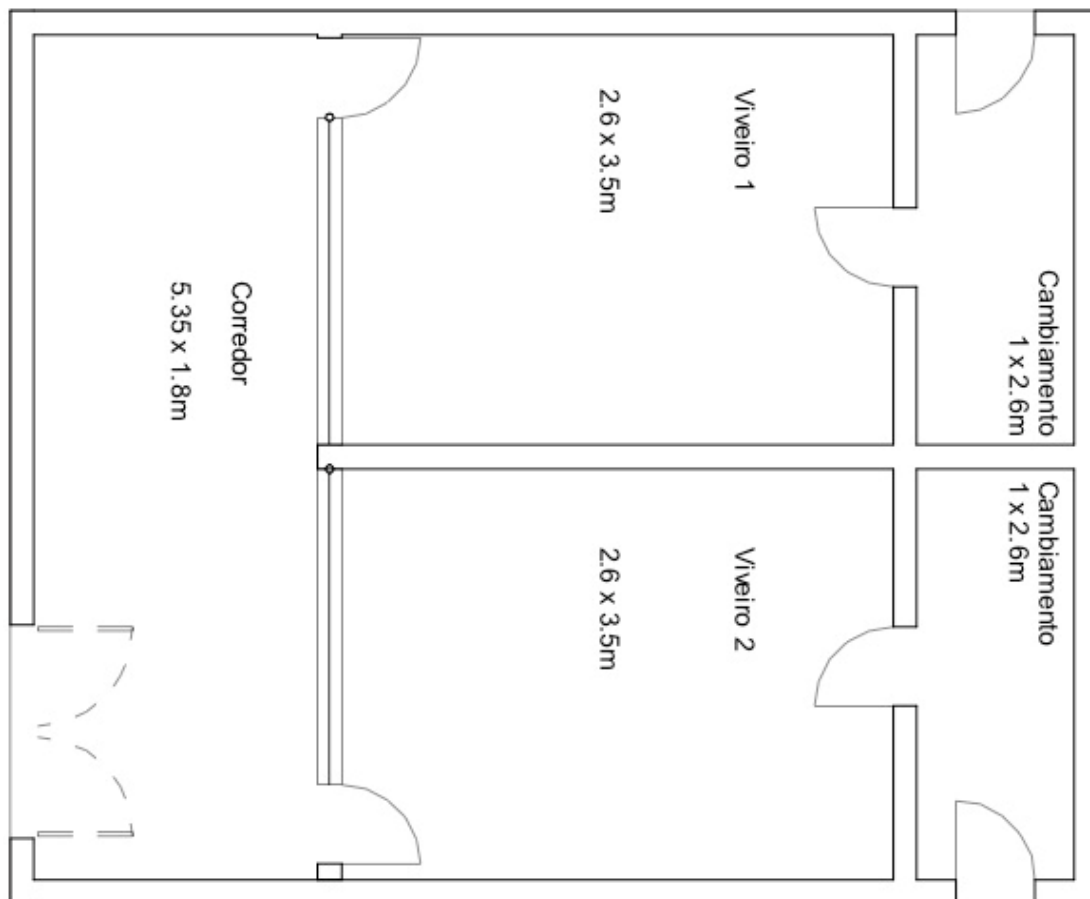
A – Planta Baixa do CETAS e Alojamento dos técnicos.



B – Planta baixa dos recintos tipo 1.



C – Planta baixa dos recintos tipo 2.



ANEXO 4 –Cartas de intenção

Campus Soane Nazaré de Andrade, 3 de dezembro de 2013.

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que me comprometo a receber, tomar, acondicionar e conservar o acervo zoológico de répteis e anfíbios eventualmente mortos durante a execução do Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Terrestre e do Programa de Monitoramento de Fauna Terrestre do empreendimento denominado de PORTO SUL em uma área aproximada de 400 hectares localizada próxima ao distrito de Aritaguá, município de Ilhéus, Bahia, cuja Licença será emitida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em nome da Naturea Consultoria Ambiental Ltda - ME, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob número (12.654.152/0001-97), com sede na Rua Frederico Simões, 153, edf. Orlando Gomes, sala 704, Caminho das Árvores, CEP: 41820-774 tendo como responsável técnico pelo Resgate de Fauna o Biólogo Angelo Giuseppe Rodrigues Brasileiro, CRBio: 36566/5-D, CTF: 220.443. Todos os espécimes recebidos serão incorporados à coleção intitulada **Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Santa Cruz - MZUESC**. Após os procedimentos de praxe acima mencionados os referidos exemplares estarão disponíveis aos especialistas da área para consulta.

Cordialmente,


Antônio Jorge Suzart Argôlo
Curador de Anfíbios e Répteis



Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
CGC: 40738999/0001-95
Departamento de Ciências Biológicas
Campus Prof. Soane Nazaré de Andrade, Pavilhão Jorge Amado
Rodovia Jorge Amado, km 16, Bairro Salobrinho, CEP: 45.660-900. Ilhéus – Bahia – Brasil
Tel.: 3680-5105 Fone/Fax: (073) 3680-5226
e-mail: cbiolog@uesc.br



UNI VERSI DADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC

CONSELHO DE CURADORES DE COLEÇÕES CI ENTI FI CAS

OFI CI O

REFERÊNCI A: 015/2013

DATA: 02 de dezembro de 2013

ORI GEM: Prof. Martín R. Alvarez
Presidente do Conselho
Curador CMARF-UESC

DESTI NO: Departamento de Infraestrutura de
Transportes da Bahia – DERBA

Assunto: **DEPÓSITO DE MATERI AL BI OLÓGI CO NAS COLEÇÕES CI ENTI FI CAS DA UESC**

De minha consideração:

Como Curador responsável pela Coleção de Mamíferos “Alexandre Rodrigues Ferreira” (CMARF-UESC), venho por esta manifestar nossa concordância em receber, tomar, acondicionar e conservar os espécimes de mamíferos silvestres ocasionalmente coletados durante a execução do Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Terrestre e do Programa de Monitoramento de Fauna Terrestre do empreendimento denominado de PORTO SUL em uma área aproximada de 400 hectares localizada próxima ao distrito de Aritagua, município de Ilhéus, Bahia, cuja Licença será emitida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em nome da Naturea Consultoria Ambiental Ltda - ME, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob número (12.654.152/0001-97), com sede na Rua Frederico Simões, 153, edf. Orlando Gomes, sala 704, Caminho das Árvores, CEP: 41820-774 tendo como responsável técnico pelo Resgate de Fauna o Biólogo Angelo Giusepe Rodrigues Brasileiro, CRBio: 36566/5-D, CTF: 220.443.

Esse material deverá ser entregue na UESC já taxidermizado (ou esse serviço técnico poderá ser realizado na CMARF, a combinar) e será incorporado às coleções científicas da UESC, onde estarão disponíveis aos especialistas para consulta. Para proceder ao tombamento, os espécimes deverão estar em bom estado de preservação e devidamente identificados (informando: espécie, local e data de coleta, nome do coletor; e quando possível: coordenadas geográficas e fitofisionomia do local de coleta, forma de captura e conservação, dados biométricos do espécime).

Certo de contar com vosso apoio e colocando-me à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,


D. Martín R. Alvarez
Professor Titular
DCB-UESC

Curador da Coleção de Mamíferos
Alexandre Rodrigues Ferreira (CMARF-UESC)

Departamento de Ciências Biológicas – Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, Km. 16 (45662-900) Salobrinho – Ilhéus – Bahia – Brasil
Tel. (73) 3680-5445 – Cel. (73) 8814-8582 – malva@uesc.br



MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DIVISÃO DE AVES
AV. TRANSNORDESTINA S/N, NOVO HORIZONTE, DCBIO – LABIO – SALA 03.
FEIRA DE SANTANA, BA.
CEP 44.036-900 TEL./FAX: (75)3161-8019



Universidade Estadual de Feira de Santana, 03 de dezembro de 2013.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que me comprometo a receber, tomar, acondicionar e conservar o acervo zoológico de aves eventualmente mortos, além de ovos abandonados e ninhos, durante a execução do Programa de Resgate e Afugentamento de Fauna Terrestre e do Programa de Monitoramento de Fauna Terrestre do empreendimento denominado de PORTO SUL em uma área aproximada de 400 hectares localizada próxima ao distrito de Aritagua, município de Ilhéus, Bahia, cuja Licença será emitida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em nome da Naturea Consultoria Ambiental Ltda - ME, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob número (12.654.152/0001-97), com sede na Rua Frederico Simões, 153, edf. Orlando Gomes, sala 704, Caminho das Árvores, CEP: 41820-774 tendo como responsável técnico pelo Resgate de Fauna o Biólogo Angelo Giusepe Rodrigues Brasileiro, CRBio: 36566/5-D, CTF: 220.443. Todos os espécimes recebidos serão incorporados à coleção da **Divisão de Aves do Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana - DAMZFS**. Após procedimentos de praxe acima mencionados, os referidos exemplares estarão disponíveis aos especialistas da área para consulta.

Cordialmente,



Dr. Caio Graço Machado
Curador da Divisão de Aves/MZFS.

Anexo 5 - Cadastro Técnico Federal - CTF IBAMA



Ministério do Meio Ambiente
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis



CADASTRO TÉCNICO FEDERAL
CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR

Registro n.º	Data da Consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
220443	03/04/2014	03/04/2014	03/07/2014

Dados Básicos:

CPF: 748.728.695-91
Nome: ANGELO GIUSEPE RODRIGUES BRASILEIRO

Endereço:

Logradouro: Rua Monte Conselho, 45
N.º: Complemento:
Bairro: Rio Vermelho Município: SALVADOR
CEP: 41940-370 UF: BA

Atividades de Defesa Ambiental:

Categoria:

Código	Descrição
1	5001 - Consultor Técnico Ambiental - Classe 5.0

Atividade:

Código	Descrição
1	15 - Anilhamento de Aves Silvestres
2	7 - Controle da Poluição
3	5 - Educação Ambiental
4	9 - Eletricidade
5	2 - Qualidade da Água
6	1 - Qualidade do Ar
7	8 - Recuperação de Áreas
8	13 - Segurança do Trabalho
9	14 - Serviços Relacionados À Silvicultura
10	10 - Auditoria Ambiental
11	12 - Ecossistemas Terrestres e Aquáticos
12	11 - Gestão Ambiental
13	3 - Qualidade do Solo
14	6 - Recursos Hídricos
15	4 - Uso do Solo

Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa jurídica está em conformidade com as obrigações cadastrais e de prestação de informações ambientais sobre as atividades desenvolvidas sob controle e fiscalização do Ibama.

O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarar e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades.

O Certificado de Regularidade não habilita o transporte e produtos e subprodutos florestais e faunísticos.



Ministério do Meio Ambiente
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis



CADASTRO TÉCNICO FEDERAL
CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR

Registro n.º	Data da Consulta:	CR emitido em:	CR válido até:
2708215	04/04/2014	04/04/2014	04/07/2014

Dados Básicos:

CPF: 348.404.508-62

Nome: Lais Carvalho Encarnação

Endereço:

Logradouro: Rua Monte Conselho, 45, Térreo

N.º: Complemento:

Bairro: Rio Vermelho Município: SALVADOR

CEP: 41949-370 UF: BA

Atividades de Defesa Ambiental:

Categoria:

Código	Descrição
1	5001 - Consultor Técnico Ambiental - Classe 5.0

Atividade:

Código	Descrição
1	17 - Agente Ambiental Voluntário
2	18 - Amost. biota pela metodo RAPELD
3	12 - Ecossistemas Terrestres e Aquaticos
4	5 - Educação Ambiental
5	11 - Gestão Ambiental
6	8 - Recuperação de Áreas

Conforme dados disponíveis na presente data, CERTIFICA-SE que a pessoa jurídica está em conformidade com as obrigações cadastrais e de prestação de informações ambientais sobre as atividades desenvolvidas sob controle e fiscalização do Ibama.

O Certificado de Regularidade emitido pelo CTF não desobriga a pessoa inscrita de obter licenças, autorizações, permissões, concessões, alvarar e demais documentos exigíveis por instituições federais, estaduais, distritais ou municipais para o exercício de suas atividades.

O Certificado de Regularidade não habilita o transporte e produtos e subprodutos floretais e faunísticos.

O Certificado de Regularidade tem validade de três meses, a contar da data de sua emissão.

Chave de autenticação	19c6.82ge.8ilr.1d42
-----------------------	---------------------



Ministério do Meio Ambiente
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis



CADASTRO TÉCNICO FEDERAL
CERTIFICADO DE REGULARIDADE - CR

O Certificado de Regularidade tem validade de três meses, a contar da data de sua emissão.

Chave de autenticação

3a55.7d3x.kgtn.m74m